

ESCRITA

Ano I N.º 7 1976 Cr\$ 10

Revista Mensal de Literatura



GRANDEZAS E MISÉRIAS DE DYONÉLIO MACHADO, O CENTAURO DOS PAMPAS

**COWPER POWYS,
O BARDO IMORTAL,
POR HENRY MILLER**

**CALIXTO GARMENDÍA,
CONTO DO PERUANO
CIRO ALEGRÍA**

**GRACILIANO
E O JOGO-DO-BICHO,
FATOR ECONÔMICO**

**IVAN ÂNGELO
E AS BODAS
DE PÉROLA**



ESCRITA

Editor
Wladyr Nader
Redação
Astolfo Araújo
Hamilton Trevisan
Editor de Arte
José Américo Mikas
Criação Fotográfica
Leila Leandro de Castro
Fotografias
Pororoca
Publicidade
Odair de Andrade
Colaboradores
Antônio Torres (Rio)
Maria Amélia Mello (Rio)
Caio Fernando Abreu (Porto Alegre)
Henry Correa de Araújo (Belo Horizonte)
Ana Lagoa (Brasília)
Reinoldo Atem (Curitiba)
Nagib Jorge Neto (Recife)
João Baptista Natali Jr. (Paris)
Uma publicação da
Vertente Editora Ltda.
Rua Monte Alegre, 1434
Fone: 62-3699
05014 — São Paulo (SP)
Assinaturas
(por vale postal
ou cheque visado)
anual: Cr\$ 100,00
semestral: Cr\$ 50,00
Números Atrasados
Cr\$ 10,00
Distribuição
Abril
Composição/Impressão
Planimpres
Registrado na D.C.D.P.
do D.P.F. sob o n.º 1464-P.209/73

ÍNDICE

- 3 — Dyonélio Machado: entrevista (a Flávio Moreira da Costa) e conto (Execução)
- 8 — O Bardo Imortal, perfil de John Cowper Powys, por Henry Miller
- 10 — O Jogo do Bicho, Fator Econômico (artigo de "Viventes das Alagoas", editora Record), por Graciliano Ramos
- 12 — Calixto Garmendia, conto do peruano Ciro Alegria
- 14 — Hispano-americanos editados no Brasil, por Cláudio Arantes
- 18 — Pré-lançamento: Bodas de Pérola, conto de "A Festa" — Ivan Ângelo
- 20 — Estorinha: O Vovô de Lasse Morreu, de Janer Cristaldo, autor de três livros para adultos
- 21 — Novos: poemas
- 24 — Novos: contos
- 26 — Registro
- 27 — Informação
- 28 — Opiniões sobre livros de Bernardo Élis, Lucienne Samôr, Donald Barthelme, Nei Leandro de Castro e Celso Japiassu
- 30 — Cartas
- 32 — Quadrinhos

PAUTA

A atitude crítica em relação aos excessos tecnicistas de certas fórmulas de interpretação literária pode parecer ressentimento ingênuo contra a erudição dos especialistas ou até mesmo recusa reacionária em aceitar novos ângulos de abordagem para a análise da obra artística. Mas não é assim. O conflito se insere no contexto mais amplo dos choques inevitáveis entre a visão tecnocrática e a visão humanística da sociedade e do homem. Se é verdade que nenhuma delas detém toda a razão, é igualmente verdade que, nas últimas décadas, houve um desequilíbrio das balanças em favor da tecnocracia, com as conseqüências facilmente detectáveis em todos os campos da atividade humana, especialmente no político. O enfoque estritamente setorial e técnico restringe as possibilidades de discussão (outros enfoques) e, levado às últimas conseqüências, descamba para uma tautologia autoritária através da qual a hipótese se arvora no papel de sua própria comprovação. Justifica-se, portanto, a impaciência com que os escritores, em número cada vez maior, condenam o tecnicismo em que se petrificou a crítica literária sediada nas universidades, numa contradição com a própria essência de tais instituições, essência essa já expressa no nome. Ressalvadas as necessárias exceções — que seria de nós se elas não existissem? — pode-se afirmar que o fenômeno é mundial e as razões também. Na edição de 29/2/76, de "O Estado de S. Paulo", Nilo Scalzo sintetizou um artigo do romancista norte-americano Gore Vidal ("Burr", "Washington D.C.", "Myra Breckenridge") sobre o livro "A Teoria do Romance", reunião de ensaios de eminentes professores ingleses e norte-americanos. "Se esses teóricos nada têm de urgente ou importante para dizer sobre literatura", pergunta o escritor, "por que razão escrevem?" Com a virulência que o notabilizou, o próprio Vidal responde: "Um professor ambicioso somente pode aparecer na burocracia acadêmica escrevendo complicada e extensamente sobre coisas em torno das quais já se escreveu muito." Opinião azeda mas que serve para mostrar a que ponto chegou a ruptura entre produtores e críticos literários. Mas o alvo principal do romancista é o enfoque lingüístico-estruturalista que orienta a maioria dos ensaios do livro e ao qual ele responde: "Não se pode pensar que um ser criado (no caso, o romance) é um meteoro vindo do espaço, um artefato perfeitamente autônomo, cuja razão de ser depende unicamente das relações entre seus vários elementos estruturais." Em outras palavras, a literatura não se resume na problemática da linguagem. (HT)

No Brasil há mais autores premiados que editados. É simples: todo concurso dá geralmente três prêmios, para inéditos ou não.

Daí à publicação, porém, é outra estória. Exemplo: uma boa porcentagem dos nossos leitores e eventuais colaboradores já ganhou um terceiro, um segundo ou até um primeiro lugar algum dia.

É claro que um dinheiro extra na penúria em que se vive traz muita satisfação, mas os organizadores dos concursos, fora a vaidade de tê-los promovido, deveriam pensar também em divulgar os seus premiados, mesmo que seja em folhetos distribuídos à imprensa (haverá sempre espaço para um fragmento de conto ou um poema, quando a matéria for de interesse jornalístico).

Estão aí as revistas e jornais literários também para resolver o problema. Se a verba para publicação em livro é curta, eles devem ser procurados como uma possibilidade quase certa de veiculação.

Entre nós, o anonimato é um desestímulo à criação. Quantos textos não mofam nas gavetas, quantos autores de um livro só são ainda verdadeiras promessas! Se a sociedade é de consumo, por que não lutar para expor o seu produto? (WN)

GRANDEZAS E MISÉRIAS DE DYONÉLIO MACHADO, O CENTAURO DOS PAMPAS



Flávio Moreira da Costa

Ele tem 80 anos. Aposentado (médico-psiquiatra), mora com a esposa Adalgiza no centro de Porto Alegre, preocupando-se (ainda) com os destinos do homem e mantendo sua paixão de juventude, a literatura. Magro, alto, caminhando de um lado para outro, é capaz de falar horas seguidas, seja sobre a Antigüidade Clássica ou sobre seus livros, seja sobre a situação econômica da agricultura no Rio Grande do Sul na década de 30 ou sobre suas experiências como diretor do Hospital São Pedro (manicômico público de Porto Alegre).

O objetivo principal desta entrevista é demonstrar que Dyonélio Machado não é autor de um livro só, como geralmente se pensa. Seu nome é sempre associado a *Os Ratos* (Globo, 1935, atualmente em 5.ª edição pela Bels), já um clássico do nosso Modernismo. (Talvez seja o único livro, junto com *São Bernardo*, de Graciliano, que tenha conseguido o grande objetivo do romance de 30: captar a problemática da propriedade privada.) Autor de seis outros livros, fez com *O Louco de Cati* (Globo, 1942, nunca reeditado) uma obra (prima) ignorada e pioneira, em relação ao boom hispano-americano: fantástica, absurda e, sobretudo, atual. Exagero? Depois que Guimarães Rosa morreu, descobriram entre seus papéis uma lista que tinha feito dos dez maiores romances brasileiros de todos os tempos: lá estava *O Louco de Cati*. E em conversa com Maurítônio Meira (transcrito em *Correio da Manhã*, 23/3/61), Rosa disse: "Se o livro do Dyonélio (*O Louco de Cati*) tivesse sido

escrito em francês ou inglês, e por autor estrangeiro, era Prêmio Nobel, sem dúvida. É muito melhor, muitos furos, do que o romance (sic) *O Velho e o Mar*, de Hemingway". Mário de Andrade também se surpreendeu com esse romance que, de resto, foi pessimamente recebido pela crítica da época, o que deve ter contribuído para o silêncio de mais de 30 anos que pesa sobre ele.

(Uma entrevista com Dyonélio Machado não pode ser regular, nem orientada pelo entrevistador. A idéia era deixá-lo falar, com o mínimo de intervenções, para que conseguíssemos um depoimento. Por questão de espaço, fomos obrigados a uma seleção das quatro horas de gravação. Finalmente: o crítico e editor gaúcho Carlos Jorge Appel participou da conversa, enriquecendo-a.)

DM — Todos os meus outros livros tiveram uma 2.ª edição — há também os inéditos — e, quando apareceram, foram sempre recebidos sem simpatia. Alguns, como *O Louco de Cati* (que só teve uma edição), chegaram a ser recebidos como uma coisa que não devia ter vindo a público, disseram que não tinha nada que se pudesse aproveitar, inclusive como técnica. Foi assim, de um modo geral, que a crítica o recebeu. A crítica favorável não conseguiu criar uma atmos-

fera contrária, porque foi uma crítica de boca, de orelha ou de cartas. Algumas destas vieram a público, como as declarações de Guimarães Rosa, depois que ele morreu. Mas, quando isso saiu, as demais pessoas não estavam mais ligadas ao livro, ou seja, aquele teor afetivo que poderia atrair ou repelir o livro já tinha desaparecido. Nós não temos memória, não é? O tempo pode melhorar o produto, embora quase sempre consiga piorá-lo. Se isso acontecer, o livro não deve mais ser reeditado, porque não vale mais nada. Posso dizer que *O Louco de Cati* foi muito bem recebido pelos poetas e pelos poucos jovens que entraram em contato com o livro. Teve boa saída, mas vocês sabem o que era ter boa saída naqueles tempos. Eu tinha uma carta da Globo dizendo que o livro estava esgotado. Mas era uma edição de quantos exemplares? Mil, talvez dois mil? Isso já era muito audacioso para a época, quando as edições eram sinônimos de milhares. Era 1.º milheiro, 2.º milheiro, etc. De modo que era muito fácil de se esgotar uma edição, naqueles tempos. Muita gente leu o livro, mas uma crítica favorável não tive.



("Dyonélio Machado, só agora pude ler, mas li com entusiasmo, o seu *O Louco de Cati*, livro estranhíssimo, construção original, e de muita força, convincente, notável. Muito obrigado.

Mário de Andrade. S. P. 2/VII/42.")

DM — Por isso, foi uma surpresa muito grande quando li teu artigo, Flávio, no *Correio da Manhã*. Eu não te conhecia, não sabia da tua posição no jornalismo, na literatura, o que não é culpa tua, e sim minha, não é? Por uma questão de idade, eu tinha mais afinidade com meus contemporâneos. Foi um amigo meu que me mandou o recorte, que está guardado comigo. Você fazia uma referência bastante interessante, que o livro era atual, fantástico e atual, se não me engano.

FMC — Quis dizer que a crítica da época estava muito fixada no realismo, o que talvez explique a maior aceitação que houve em relação a *Os Ratos*. Quando surgiu *O Louco de Cati*, as pessoas simplesmente não aceitaram o livro, não o aceitaram porque não o compreenderam.

DM — É, mas *O Louco de Cati* descreve uma cadeia política.

FMC — Foi nesse sentido também que afirmei ser o livro atual. Mas ele é apresentado com uma escritura (bem, vamos falar português: com uma escrita) diferente do que a preocupação política da época (esquerda e direita) estava acostumada.

DM — Naquele tempo, nem blague se podia fazer — e eu fiz blague de uma cadeia. Nem tudo era blague, não é? Você conhece aquela explicação do Sílvio Romero: quando o sujeito está fazendo humor, é sinal que não está bem humorado? Não, quem está muito bem humorado não faz humor. O erro da explicação de Sílvio Romero é que ele faz uma diferenciação, que não existe, entre o cômico e o humorista. Ora, o cômico é também humorista. E ele errou redondamente quando falou sobre isso, em relação a Machado de Assis. Primeiro, disse que ele era um preto numa sociedade falsamente nobre (o que é pior, pois aquele que não é de uma nobreza natural é mais exigente); segundo, que não sofria de nada (ele era apenas epilético) e que não tinha defeito físico (ora, era gago, sim-

plesmente). Machado estava em fase bastante produtiva, mas já andava — e sobre esse aspecto Sílvio é humorístico — com sinais de câncer. O Sr. Romero se deu ao trabalho, aquele homem tão ilustre, aquele polígrafo tão grande, se deu ao trabalho de catar nos livros de Machado de Assis todas as palavras que denunciavam, denotavam, um sujeito plácido, feliz, etc. E ignorou algo que ninguém ignorava, que na primeira edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ele diz que sua morte foi apreciada por algumas pessoas da família. Mas a pessoa que mais sofreu não era da família... Não dizia Sílvio que ele tinha caído no chão, epilético — nem a morte de um sexagenário seria coisa tão dramática assim. Aquele ataque epilético Machado esconde nas outras edições do livro, ocultando sua própria doença. De um dos ataques que teve no seu trabalho, recebeu uma tremenda descompostura, como se tivesse cometido um crime. Foram pedir satisfação, disseram horrores, e Machado engoliu tudo aquilo. Ainda assim, ele era, para Sílvio Romero, um cômico, um cômico, veja só! Não era um sofredor, porque não tinha aquelas condições aparentes de Dickens. Quem é que não é sofredor, Flávio? Quem conhece alguém que não seja sofredor? Mesmo aquele personagem da lenda, um homem feliz que perdeu sua camisa para o rei... quer dizer, um homem feliz mas não tinha camisa. (Ri.) *O Louco de Cati* foi mal recebido na época.

FMC — Embora não se possa falar em influências. *Os Ratos* transcorrem em 24 horas...

DM — Eu não conhecia *As 24 Horas na Vida de uma Mulher*...

FMC — Mas já havia lido *Ulisses*, na época?

DM — Não e nem li até hoje. Quero ler porque (ri) não é o primeiro que diz isso, não é? Não, a história daquelas 24 horas tem outra razão de ser. Vou contar. Aqui mesmo nesta sala eu quis contar para um cidadão, mas ele só queria saber sobre a forma, não queria saber da origem do livro. Eu estava estudando medicina de novo — fazendo tudo de novo, vestibular, isso tudo. Éramos dois irmãos, eu o mais velho, órfãos

de pai. Tínhamos a mãe, que se dividia entre os dois filhos. Quando morava com um, visitava constantemente o outro. Na ocasião, ela estava morando com meu irmão e me visitava aos domingos. Os domingos eram meus grandes dias de estudo: chegava a estudar 17 das 24 horas do dia. Estudava desde a madrugada, porque trabalhava nos outros dias da semana. Lucrava muito com isso, e gostava também. Pois bem, a mãe já andava um pouco doente, uma doença que lhe durou 13 anos, que a levou a um tremendo infortúnio, angústia: doença de Parkinson. (Justamente depois desse fato, comecei a me especializar nisso, e tive um caso que durou 20 anos. E num estado progressivo. Sustentei, num congresso de neurologistas, que a doença não era *reliquat* de uma gripe, de uma encefalite. Um *reliquat* fica como está, não progride. Isso, em Medicina, era uma blasfêmia, dizer que a doença marchava de um pequeno tremorzinho até se transformar num conjunto só.) Pois bem, a mãe andava com sinais que me preocupavam. Mas eu estava no primeiro ano da faculdade, não podia cuidar dela. Eu morava na Glória, ela, no Partenon. Ela chegou de manhã, eu estava na mesinha perto da janela, estudando. A primeira coisa que ela me disse foi "meu filho, não dormi". A primeira idéia que tive: a doença! Eu estava preocupado porque ela tinha uma doença que parecia gripe, mas não era gripe. Fiquei apreensivo, mas quando ela me explicou por que não tinha dormido foi um alívio. Meu irmão, por comodismo, deixara o dinheiro embaixo da panela em que se recebia o leite — o leiteiro tinha a chave da cozinha e podia entrar. Mas a mãe começou a imaginar que os ratos poderiam roer aquele dinheiro durante a noite. Se os ratos roem papel, até livros, porque não roeriam o dinheiro, não é? Comecei a sorrir, feliz porque desaparecera minha expectativa da doença. "Do que é que tu estás rindo, meu filho?" "Nada, continua contando." Achei aquilo ótimo porque era o trivial e o trivial dramático. Eu andava desligado da literatura. Morava afastado e trabalhava no centro. Meu bonde levava 43 minutos para

chegar em casa, quando ia no horário — e raramente ele ia no horário. Era esse o tempo que eu tinha para pensar na história da minha mãe. Foi assim que escrevi um conto. Foi uma besteira, aquela emoção que tivera, não conseguira transmitir. O que é que faltava, o que é que eu não havia colocado nele? Era algo que se adivinhava, a enorme dificuldade da personagem. Era a situação representada que tornava catastrófica aquela ameaça dos ratos. Adieci para colocar esses elementos mais tarde, quando houvesse oportunidade. Era um conto simples, acho que tenho inclinação para o conto. Mas eu quis transformar aquilo num romance. E parece que deu certo. Foi essa a gênese. Não segui escola nenhuma, não estava nem ligado à produção literária.

FMC — Que livros lia na época?

DM — Livros de medicina.

FMC — Economia, não?

DM — Já tinha lido. Nunca quis ficar longe disso. Meu sonho de juventude era a literatura. Comecei fazendo crônicas, minha primeira crônica foi publicada em 1915, na *Gazeta do Alegrete*. A *Gazeta* deu destaque pra minha crônica: eu ainda não completara 20 anos. Mas eu sou um pouco político, não é? Minha família toda é política, meus antepassados, de modo que me aproximei da literatura política e esta me levou à economia política. E à sociologia — tenho muita coisa aí (aponta para as estantes). A fundação do Banco do Estado do Rio Grande do Sul suscitou críticas, apreciações, julgamentos. Fiz um trabalho sobre isso para o *Correio do Povo* — que o governador do Estado da época respondeu, sem declinar o nome do autor, pois não podia, não é? Eu não queria uma forma mista: ele deu razão ao autor do artigo, mas explicava as suas razões. Acontece que é nos **considerandos** que está a interpretação do Banco. De qualquer forma, meu primeiro livro é de política, *Política Contemporânea*. Mas (vários anos mais tarde) meus livros de ficção foram muito mal recebidos, uma coisa tremenda, atribuindo a mim coisas que nunca tinha feito.

FMC — Sobretudo a crítica oficial, não é?

DM — A crítica só é oficial, meu bem.

CJA — Ah, não diga isso.

FMC — Vamos considerar que exista uma crítica **menos** oficial...

DM — Aqui em Porto Alegre era uma coisa só. Gostei muito da crítica do Jorge Amado, mas depois ele falou outras coisas que não gostei.

CJA — Eu li isso quando estava no ginásio. Foi o que me levou a procurar teus livros.

(Dyonélio vai até as estantes e volta com um livro. Abre-o e começa a ler um trecho sobre *Um Pobre Homem*. É um livro do ensaísta gaúcho Moisés Vellinho.)

DM — “Deste ambiente em que privou sua infância, o autor trouxe para as suas páginas de estréia apenas a melancolia, uma melancolia reservada que se traduz numa outra aspereza de forma e pensamento. (...) quaisquer que sejam as imperfeições que vocês possam observar na estrutura dos contos, um talento de alguém que já sentiu na própria pele o contato com a vida e se dispõe a prestar o seu depoimento.” É isso, ele me faz um desgraçado. Pra ele, eu estava em todos os meus personagens, em todos. O conto sobre os ratos não deu resultado porque eu não tivera aquela experiência. Muitas vezes eu fiquei sem dinheiro — aqui, lá no Rio de Janeiro — tendo de vender garrafas, vidros de remédio para tomar o bonde, o ônibus; usando uma sola de papelão entre a meia e o sapato, pra tapar o buraco. Mas eu nunca recorri àquelas coisas que ele diz. Não era do meu espírito, da minha técnica, da minha habilidade. Eu não estou — absolutamente — nos meus livros. Eu não estou em nenhum desses livros. Só na medida em que todos estão, como quando se escreve uma carta, a letra é da gente... Se não, os heróis perdem suas dimensões. Disseram coisas incríveis de mim. Eu não passaria de um fixador de realidade. “Sem recorrer à eloquência dramática, o sr. Machado cultiva o senso do trágico.” Mas isso é uma qualidade, tirar o trágico do trivial é uma qualidade, meu bem? Nunca tive uma boa imprensa, sempre houve restrições. (Procura outro trecho no livro.) “Escritos possivelmente em épocas diversas e de-

envolvidos em sua maioria em planos desarticulados entre si, os contos de *Um Pobre Homem* são, sob qualquer aspecto, desiguais. (O volume) encerra indicações nítidas sobre o caráter e as tendências do autor.” Não, meu benzinho (ri), “caráter do autor” é demais. Bem, e *Os Ratos*? *Os Ratos* foram escritos numa prosa horrenda e sem poesia, diz ele. Mas me diz uma coisa se não é poesia isso: o Naziazeno (**personagem central do livro**) está saindo de casa e leva aquela descompostura, aquela ameaça do leiteiro. Em frente dele está um homem gordo (ri, olhando para os entrevistados). Eu não devia falar em homem gordo, não é? Mas um homem gordo é gordo na vida também, muito pacato, não quer mais do que aquilo que tem, e plácido, achando tudo bem. Ah, tivesse o Naziazeno tudo isso. Pois, naquele estado, ele olha para o vizinho e é capaz de cumprimentá-lo, naquela saudação, naquela “alegria de manhã cedo”. Não tem poesia isso? Tudo o que sugere esse “manhã cedo”, tudo isso, não podia ser percebido. E sobre um conto meu, o Augusto Meyer disse que estava direitinho. “Tá direitinho” (ri) é tremendo. Eu não digo tudo, eu sugiro.

CJA — Mas o Graciliano Ramos te valorizou, incluindo um conto teu naquela antologia nacional que ele organizou.

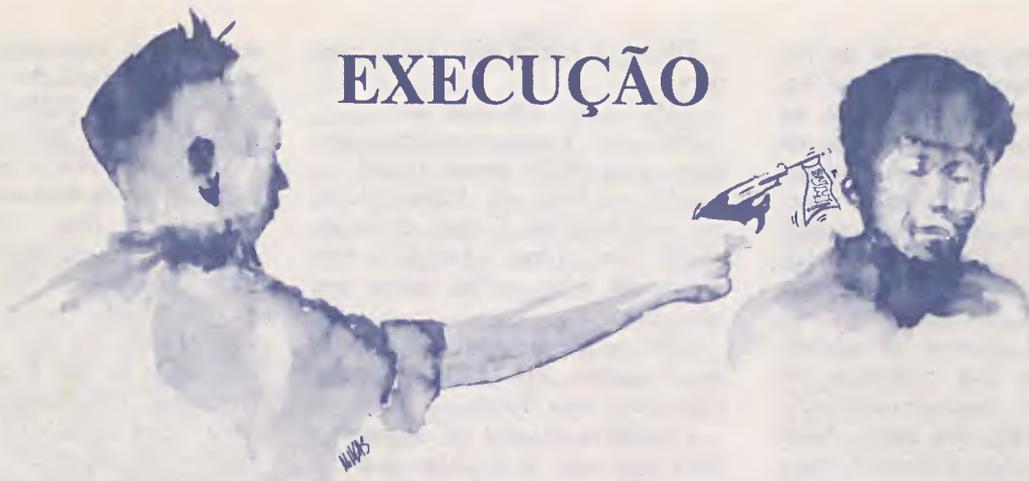
DM — Não é bem assim. Uma vez eu encontrei com o Graciliano — bem, a gente já havia se encontrado antes na prisão, não é? — e ele estava organizando aquela antologia que tinha um volume dedicado ao sul do país, e então me pediu um conto. Foi isso.

(Dyonélio Machado não gosta de falar muito sobre sua prisão ocorrida na época de Getúlio. Ele era uma das personalidades mais importantes da esquerda, no Sul do Brasil. Chegou a ser deputado estadual. Um conto seu, sobre a Guerra do Paraguaí, publicado na *Revista do Globo*, resultou em prisão. Veio para a Ilha Grande, no Rio, onde ficou um ano preso.)

DM — Eu tenho duas vidas. Uma antes e outra depois da prisão. Mas nunca fiz política na ficção. Fiz política nas praças, na Assembléia, na... política”.



EXECUÇÃO



Dyonélio Machado

A Sra. Adalgiza Machado

Berlim, 1895.

Farei um esforço de memória e lhe enviarei a narrativa, como pede. Mas olhe que já lá vão quase trinta anos, o suficiente, pelo menos para mim, para, não direi apagar, mas diluir, aguar, as histórias do passado.

Eu servia às tropas paraguaias como médico, conjuntamente com meu antigo companheiro de turma Wilhelm Delius, descendente de uma família de eruditos, e rapaz instruído e curioso — inquisitivo, como diriam os ingleses.

Era muito comum encontrarem-se oficiais estrangeiros, principalmente alemães e britânicos, entre os beligerantes. Alguns deles, mesmo, deixaram apreciáveis relatos da campanha, que ainda hoje são consultados com proveito.

Wilhelm Delius insinuara-se definitivamente no espírito do coronel-chefe do corpo de saúde do exército de Lopes e era o seu mais seguro conselheiro. Eu arastava com incrível mal-estar aquela cruz do meu calvário, só desejando que terminasse a guerra com a nossa vitória e que me fizessem efetivas as promessas combinadas.

Mas, já para essa altura da campanha, o triunfo seria verdadeiramente absurdo. O exército do "Mariscal" tinha sido desfalcado de todos os seus elementos principais, até do moral, que é o nervo tetaizante das batalhas.

Com as conscrições das últimas classes, as fileiras, então, passaram a compor-se, exclusivamente, de rapazes quase imberbes, sem instrução militar e sem entusiasmo. Lopes procurava remediar esse angustioso estado de coisas com o rigor de uma disciplina exagerada e desumana.

As prisões viviam cheias. Não se poupavam nem as mulheres, que eram arrastadas para as masmorras sem o menor motivo ou sob o pretexto de manter entendimento com o inimigo. Acrescente-se, também, a esses, o número, não pequeno, de prisioneiros de guerra.

Tudo isso deslocava-se com o exército, que fugia, já no rumo das cordilheiras.

A pena do Ditador era a capital, por isso que, no seu entender, verdadeira-

mente tresvairado, todos aqueles crimes visavam à eliminação sua ou do exército. As execuções faziam-se diariamente, depois do preso confessar-se sumariamente ao capelão do regimento.

No geral, fuzilava-se. Quando, porém, o desgraçado não caía na primeira descarga, dilacerava-se-lhe o peito com baionetas.

Um dia, percorríamos, o coronel, Wilhelm Delius e eu, as prisões, quando vimos, atirado a um canto, numa prostração profunda, um jovem prisioneiro.

O cárcere não é o mais triste dos lugares. Aí também a gente se diverte. Sempre há dois ou três gaiatos, que se encarregam, misericordiosamente, de trazerem para os condenados os leves minutos do esquecimento.

O moço, porém, a que me refiro, ingressara na prisão como num túmulo. Foi o que nos informou longamente o coronel. Nada fora capaz de arrancá-lo daquele abatimento, maciço, pesado como um chumbo.

Delius ouvia isso interessado. Dirigiu certas perguntas ao chefe do corpo de saúde. Quis saber quando ele seria fuzilado.

— Amanhã — respondeu o coronel.

Wilhelm Delius, que fazia a campanha por mero interesse científico, concebera uma idéia audaciosa, que, todavia, mereceria todo o acatamento por parte do coronel. Queria realizar uma experiência com o condenado.

— Trata-se de um indivíduo extraordinariamente sensível — explicava-me ele. — No momento supremo faltar-lhe-á, necessariamente, toda a energia. Não tenho dúvida de que a bala do carrasco irá atravessar um cadáver.

— Você crê que ele morrerá do choque moral?

— Estou certo disso — fez Wilhelm, com serenidade e segurança.

Amanheceu o outro dia.

Eu nunca assistia às execuções. Estou perfeitamente acostumado ao espetáculo da morte. Mas não posso dizer o mesmo quanto ao crime. E, no meu íntimo, não passava de uma ação criminosa aquela selvagem aplicação da justiça.

Do lugar onde me achava, na minha barraca, eu podia perceber vagamente o que se desenrolava no acampamento. Vi, assim, a passagem do prisioneiro, uma silhueta fantástica, no lusco-fusco da madrugada. O avançar lento e cadenciado

do pelotão que o deveria sacrificar. Ouvi certas vozes de comando, e, depois, o rufar sinistro da descarga.

Seguiu-se um silêncio. Outra vez passaram pela minha frente, de volta, os atiradores. Atrás deles, daí um momento, a maca com o cadáver do desgraçado. Por fim, o meu amigo, Wilhelm Delius, que entrou na barraca com o sorriso claro do triunfador.

— E então?! — perguntei-lhe eu, com uma curiosidade difícil de dominar.

— Foi tudo às mil maravilhas!

Devo acrescentar que o meu colega possuía um "ordenança", um praça encarregado da limpeza da barraca e de outros misteres; um criado. Era um caboclo forte e simpático. Analfabeto, mas inteligente. Nessa ocasião ele se encontrava a nosso lado. Estivera presente à execução e escutava tudo quanto dizíamos.

Delius contou pormenorizadamente as ocorrências.

Atendendo ao seu desejo, o coronel determinara ao comandante do pelotão de atiradores, que municiasse os velhos fuzis de pedreira com tiro de festim, pura pólvora, sem bala. E assim se fizera.

— Ora essa!... — disse eu, intrigado.

O meu amigo continuou:

— Todo o resto foi disposto como para uma verdadeira execução. O condenado encaminhou-se para o lugar do suplício, os soldados fizeram a manobra, descarregaram, e o corpo, intato, tombou por fim... morto, como aliás eu esperava.

Seguiu-se um silêncio. Wilhelm, radiante com o resultado da sua experiência, tomava notas, registrando, cuidadosamente, o fato entre os seus apontamentos científicos. Eu, no meu canto, estava triste e pensava na Alemanha, na minha cidade natal, na velha casa paterna.

O caboclo, o "ordenança" do meu amigo, quebrou o silêncio:

— Não sei por que, seu doutor, mas eu estou certo de que a mãe dele havia de ficar mais contente se as armas estivessem carregadas de verdade.

Levamos a cabeça, mordidos com a observação. Havia, realmente, um traço de tragédia irreparável num fim, como aquele, que era um logro.

Este conto, escrito há quase 50 anos, pertence ao livro *Um Pobre Homem*.

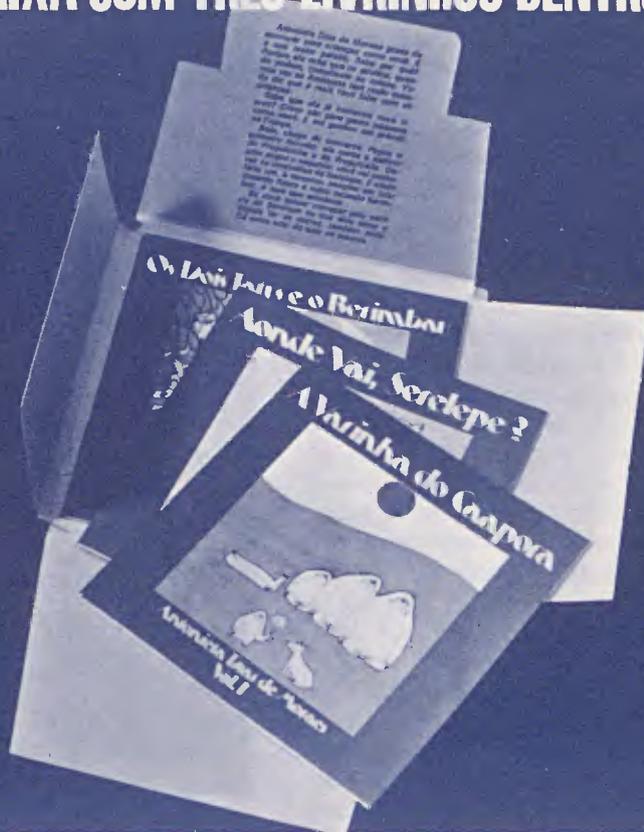


A VARINHA DO CAAPORA É UMA CAIXA COM TRÊS LIVRINHOS DENTRO. PARA CRIANÇAS DE 7 A 70 ANOS.

Nas Livrarias ou por
Reembolso Postal.
Pedidos à Vertente Editora Ltda.
R. Monte Alegre, 1434.
05014 — S. Paulo (SP)



Cr\$ 30,00



revista **MUSICA do planeta terra**

é música, poesia, cinema,
literatura,
contra cultura, alternativas
e experimentos

Assinaturas e números atrasados pedidos para:
editora GROUND INFORMAÇÃO

Rua Siqueira Campos, 143-Sala 56.A - Sobreloja-Copacabana-Rio.Rj.
12 números 70,00 — 6 números 40,00

nos procure nas bancas

Sincro Filmes - E.F. Produções Teatrais
apresentam

Jorge Dória • Carvalhinho
e grande elenco

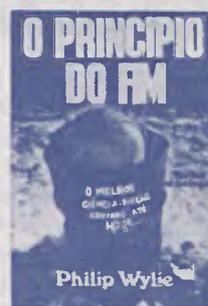
**A GAIOLA
DAS LOUCAS**

de Jean Poirot
direção: João Bethencourt
cenários e figurinos: Colmar Diniz
TEATRO AQUARIUS
R. Rui Barbosa, 266 - telef. 289-1522 e 32-0263

IBRASA - Livros que Constroem
LANÇOU:

- O Sentido da Arte
Herbert Read
- Português Básico Para Estrangeiros
Sílvio Montelero
- A Criança Aprende Brincando
P. M. Pickard

LANÇAMENTO DA NOVA ÉPOCA EDITORIAL



CORRESPONDENTE

(BICO)

Editora necessita pessoa para redigir
correspondência com o exterior em inglês e
francês. Serviço de uma tarde por semana.

Currículo e pretensões em carta para
Caixa Postal 13.814 - São Paulo.

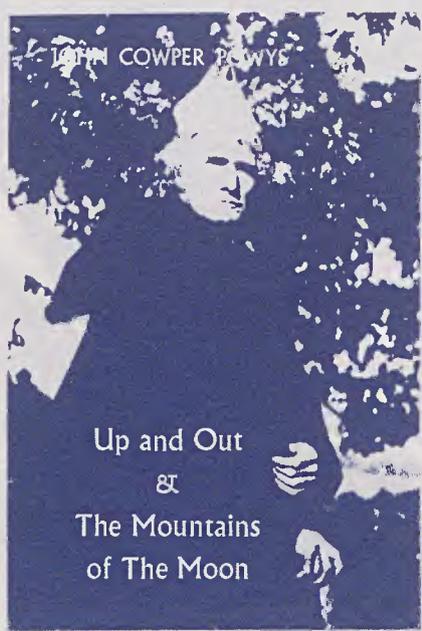
O que a CHRIS tem,
com desconto,
que as outras não têm:
Dicionário Aurélio,
Graphis Anual,
Proto Graphis
e Praphis Poster.
Na Livraria CHRIS
você também encontra
todos os jornais e revistas
da imprensa nanica, além
da coleção completa
da revista Escrita.
Av. Paulista, 809 - S. Paulo
Aberta até às 22 horas,
inclusive aos domingos.

AGOSTINHO NETO



Apresentação de
JORGE AMADO

O BARDO IMORTAL



Henry Miller

tradução de Fernando Morgado

Henry Miller não consegue esconder seu entusiasmo nem mesmo quando se trata de escritores, que num plano menos artístico seriam seus concorrentes naturais. Assim foi ou é com Durrell, com o japonês Yukio Mishima, a quem há três anos dedicou um ensaio, ou com John Cowper Powys (1872-1963), o primeiro ídolo de sua juventude, até hoje praticamente desconhecido do público brasileiro.

Minha admiração, respeito e reverência por John Cowper Powys, começou quando eu tinha 20 e poucos anos e prosseguiu, desde então, o que equivale a um período de quase 50 anos. Cerca de 30 anos depois de ouvi-lo pela primeira vez numa conferência, tive o privilégio de visitá-lo em sua casa de Corwen, no País de Gales. Encontrei o mesmo ser maravilhoso que idolatrava desde a infância, só que ficara mais jovem, mais saudável e mais alegre. Lá estava ele, distante do mundo, alimentando-se de uma pequena dieta, escrevendo fielmente todos os dias e, embora longe de tudo, mantendo-se em contato com um número privilegiado de amigos, colegas e "fiéis crentes".

O segredo de sua alegre sabedoria pode ser encontrado em seus livrinhos sobre a vida e a arte; sobre

a filosofia cotidiana e o cultivo da natureza sensual. Nessas obras, ele nos pega pela mão, tira-nos de onde estamos e nos guia através do labirinto cultural pelo qual a maioria de nós passa irremediavelmente cambaleante e vacilante. Com o seu auxílio, redescobrem-se a virtude e a benção da simplicidade.

Durante 30 anos, este fascinante panfletário perambulou por esse imenso deserto que é a América, fazendo suas conferências com o mesmo fervor, tivesse a platéia 12 ou milhares de pessoas. Ele falava sempre com a eloqüência de um profeta — sobre arte, vida, amor, literatura — usando como modelos figuras clássicas como Homero, Dante, Rabelais, Goethe, bem como espíritos dominantes dos tempos modernos, como Blake, Nietzsche, Dostoiévski. Durante esses seus 30

anos de perambulação de cidade a cidade, de lugarejo a lugarejo, ele ainda encontrou tempo para escrever algumas de suas principais obras: *Wolf Solent*, *Autobiography* e *A Glastonbury Romance*.

Ainda hoje considero "Autobiography" a maior, a mais extraordinária de todas as autobiografias. Digo isso depois de ter lido praticamente todas as obras mais famosas dessa categoria. Depois de conhecê-la, sente-se que ele viveu a vida ao seu ponto mais extremo. Por toda ela sopra um espírito raro e poderoso. Quanto a "Glastonbury Romance", repito o que já disse inúmeras vezes, que é uma obra ímpar em toda a literatura inglesa. Custou-se quase um ano para lê-la. Lia apenas umas poucas páginas de cada vez saboreando lentamente cada pedaço, cada minúscula migalha,



e temendo chegar ao fim. É um mistério para mim como essa grande obra pode ser tão esquecida e negligenciada. Ou, pelo menos por enquanto, já que sei por uma triste experiência que as obras verdadeiramente grandes da literatura somente chegam até nós 50 ou 100 anos depois.

Fosse eu procurar um simples adjetivo para resumir a magia do seu autor e logo escolheria "mantic". É uma palavra obscura, que abrange uma imensa variedade de coisas. Um astrólogo, provavelmente exploraria ao máximo suas qualidades netúnicas e uranianas. O autor não apenas tem a habilidade para explorar as mais longínquas profundezas, como chega também às estrelas. Ele tem uma polaridade e abrange limites tão extensos que chega a aterrorizar.

Alma da virtude, ele não tem medo de explorar os negros domínios onde o bem e o mal se digladiam. Como pagão, não sente remorso em mergulhar suas mãos na sujeira. Prefere, naturalmente, o Velho ao Novo Testamento. Está ao lado do grande Jeová, em vez de ficar junto do doentio Salvador a quem o mundo cristão garante sua adoração. Ele é a favor dos deuses, em vez de ser a favor de Deus. E, como os antigos, investe seus deuses de monstruosas e também sublimes qualidades.

Seus deuses literários, todos de espírito universal, são imensos, superdotados, transbordantes de vida e capazes de concedê-la. A cada ano ele relê Homero, Dante, Goethe — Whitman, também, se não estou enganado. São eles as suas privilegiadas companhias, e também as margaridas, as pequenas criaturas, os loucos de aldeia, os ociosos, a lesma e os sapos, os leviatãs, os monstros, os não-conformistas, os rebeldes. (É por que, em sua "Autobiography", ele descreve os judeus e os negros com tanta gratidão e afeição? Ele sabe do que está falando.) Embora sua paixão abranja o humilhado e o oprimido, são os anômalos, os seres antípodas, especialmente os desafiadores, aqueles que o atraem. Apesar da magnitude de sua paixão ele nunca é Buda. E jamais gostaria de sê-lo.

Sua filosofia é viva, cotidiana, liberta de todas as abstrações metafí-



sicas que caracterizam tanto o pensamento ocidental como o oriental. Se tanto, sua filosofia vem de Lao-Tsé e Heráclito. A lucidez com que ele penetra nos problemas da vida revela a escuridão primordial em que estamos eternamente envolvidos; ele jamais se preocupa em desvendá-la. Situa-se ao lado de Abraão, diante das coisas que nasceram sem nome e hoje têm um. Eis por que ele pode falar com tanta sabedoria e intimidade do verme ou de qualquer outra criatura. Ele está à vontade em qualquer lugar, mesmo ao lado do retardado. Quão raro é este dom de participação e identificação entre os espíritos criativos!

De que adianta a fraternidade do homem — ele parece dizer, se ela não inclui tudo o que vive e respira? Estão todas em seus livros, essas criaturas a quem excluímos de nossa dúvida fraternidade. Ele faz todas agirem e falarem. Ele jamais é o entomologista, o botânico ou o horticultor. Ponha-o numa cela ou calabouço, isole-o do mundo dos homens e das mulheres, ainda assim ele encontraria uma vida plena como em qualquer outro lugar privilegiado. Talvez achasse uma vida ainda melhor, pois não só sabe como rastejar, agarrar, escorregar, sorver e picar, mas sabe também como desaparecer em pleno ar, encontrar seu caminho para as estrelas, viver não apenas em meio ao mito e à lenda,

mas na fraude e na fantasia, nas depressões e nos êxtases.

Um sujeito extraordinário. Deste e do outro mundo. De mundos por nascer. Padre João, deveria se chamar. Adapta-se a ele como um dom. Não pode ser comungado ou excomungado. Não tem denominações, nem casta, nem credo. Humano, por demais humano.

A nostalgia pelos fantasmas seculares dos bardos levou-o de volta à terra de seus ancestrais. Ele dedicou um longo período de sua vida à vastidão desértica da América. Ele a irrigou com fé. Podemos encontrar flores que testemunham sua passagem por lá. Aqui e ali uma cotovia da campina começa a cantar lembrando sua presença. Aqui e ali um eventual sapo-boi coxa nos pântanos, num sinal de admiração à simples menção desse nome mágico.

Ele foi meu primeiro ídolo vivo, John Cowper Powys. E continua até hoje. Tive muitos ídolos na juventude. Jamais consegui conciliá-lo com os outros. Alguns estavam mortos há séculos; outros, como Vivekananda, acabara de se tornar frio com a morte. Padre João estava à altura de todos eles. Ele se mantinha tão confortável e tão seguro em seu panteão que nem mesmo um terremoto poderia abalá-lo. Entre todos, só ele possuía o idioma universal. Só ele podia fazer sua cabeça dar um círculo completo.

Se houve um espírito que deu inspiração e guiou o Mestre, imagine que tenha sido o de Artur. Houve um soberano de todos os mundos com o qual todos os sonhadores sonharam, embora nenhum deles tenha conhecido. Rei Artur, luz do mundo ocidental. Foi nesse mundo em que, acredito, nasceu Padre João e para o qual ele deve voltar. O mundo heráldico que jamais se desvanecerá porque, sozinho, é real e verdadeiro.





O JOGO DO BICHO, FATOR ECONÔMICO

Graciliano Ramos

De todas as instituições brasileiras o jogo do bicho é com certeza a mais interessante, a que melhor descobre a alma popular. É verdade que possuímos outras capazes de provocar entusiasmos vivos e até a paixão das massas: o carnaval, o futebol, as lutas políticas, por exemplo; mas são coisas que, embora aqui tenham feição particular, existem em toda a parte. Nenhuma delas produz uma excitação permanente, todas se manifestam com intermitências mais ou menos longas.



O jogo do bicho é constante e puramente nacional. Aqui surgiu, criou raízes, e em nenhum outro país se daria tão bem. Deriva da nossa desorganização econômica e da confiança que depositamos em forças misteriosas. Todos nós, consciente ou inconscientemente, esperamos milagres, acreditamos na Divina Providência, em poderes sobrenaturais, que às vezes ficam no alto, inatingíveis e obscuros, outras vezes se põem em contato com os homens, familiarizam-se, revelam-se de maneira bastante ordinária.

As relações entre o homem e a divindade, que a princípio se manifestam sob a forma de troca, depois como transações de compra e venda, aqui se modificaram. Em toda a parte o crente oferece a Deus ou aos santos um objeto para receber um favor, ou oferece-lhes dinheiro, mas entre nós este respeitável costume se tornou uma espécie de jogo. Daí para se tornar jogo verdadeiro a distância não era grande. A nossa gente supersticiosa, que admite a realização dos sonhos e, especialmente no interior, faz promessas a Santo Antônio a propósito de casamento e a Santa Clara a propósito de chuva, encontrou meio de transformar a graça pedida em dinheiro. Podemos acompanhar a evolução do negócio do seguinte modo: oferecemos um objeto para receber um bem qualquer; oferecemos dinheiro para receber o mesmo bem; oferecemos dinheiro para receber dinheiro.

Não queremos felicidade, paz, qualquer estado de alma necessário aos místicos; desejamos coisas concretas. O mendigo que pede para o transeunte saúde e vida longa muitas vezes indica os meios que julga indispensáveis para se obter isso.

Impossibilitados de adquirir uma felicidade completa, buscamos pedaços de felicidade. E, em vista da situação precária em que vivemos, esses fragmentos são de ordinário representados por quantias insignificantes. Sabemos que a posse delas nada resolve definitivamente, que a nossa vida não se endireitará com tão pouco e, consumidas essas ínfimas parcelas de riqueza, a necessidade voltará e teremos de apelar para um novo golpe de sorte. Mas não podemos

pensar no futuro quando o presente é incerteza e confusão, respiraremos com alívio se as nossas dificuldades irremediáveis forem procrastinadas por um mês, uma semana, um dia. Esperaremos que tudo se arranje depois.

Por enquanto precisamos com urgência uma determinada importância para o aluguel da casa, importância correspondente ao dinheiro que possuímos multiplicado por vinte. O brasileiro achou o modo de realizar a multiplicação, pelo menos de passar algumas horas na ilusão de que ela se realize e lhe dê recursos para satisfazer às exigências imediatas.

É verdade que a ilusão ordinariamente falha, mas pode renovar-se no dia seguinte, caso o homem não se ache absolutamente desprovido de pecúnia.

Ele poderia arriscar-se a qualquer outro jogo. Isto, porém, não lhe traria grande satisfação. Comprando bilhetes de loteria, a espera seria muito prolongada; na roleta ou no bacará seria curta demais. Ele não quer ficar muito tempo sonhando com uma sorte grande que lhe transforme a vida, nem encostar-se ao pano verde para receber emoções fortes e rápidas. Contenta-se com sortes miúdas, que lhe podem chegar diariamente, a hora certa, não se decidem no giro duma bola ou num vitar de carta.

Além disso a loteria, a roleta, o bacará, ficam fora das possibilidades da maior parte da população, ao passo que o jogo do bicho está ao alcance de toda a gente e possui o que é preciso para conquistar a simpatia das massas.

Em primeiro lugar promete muito e não oferece nenhuma garantia, o que está em conformidade com os hábitos dum país onde se organizam companhias sem capital e os profetas são bem recebidos, ainda que sejam os mais extraordinários salvadores. Apesar de tudo os jogadores felizes são pagos com rigorosa pontualidade, e isto é admirável, porque entre nós nunca nenhum programa se realiza, as obrigações são regularmente postas de lado. Os papelinhos riscados a lápis por um sujeito desconhecido transformam-se em valores.

Em segundo lugar é proibido, razão suficiente para viver e pros-

perar. Há negócios que não têm outro motivo de êxito. O nosso instinto de rebeldia sustenta-os, faz que protestemos contra algum funcionário demasiado consciencioso que pretenda enxergá-los.

Aliás com relação ao jogo do bicho talvez seja conveniente a autoridade supor que ele não existe e deixá-lo em paz. Muitos cavalheiros ficariam em apuros se, marchando para a repartição com o intuito severo de combater essa praga nacional, pensassem que suas respeitáveis senhoras elaboram listas complicadas, os rapazes no caminho da escola arriscam níqueis na dezena, o ordenado da criada foi estabelecido com a redução da importância presumível que ela retira nas compras e dá ao rapaz do talão, o fornecedor não está satisfeito com os pagamentos e espera minorar as suas dívidas com a problemática fração de riqueza que todas as manhãs lhe oferecem no balcão.

Deixemos em paz o bicheiro. Essa fração de riqueza representa a quantia que deixou de ser paga no salário do trabalhador, a conta que o bacharel se esqueceu de saldar na venda. Para que privar o operário e o vendeiro da última possibilidade que lhes resta?

O jogo do bicho significa uma tentativa muito louvável para corrigir o desarranjo em que vivemos. Uma tentativa oferecida a pessoas supersticiosas que acreditam em sonhos e ainda não podem acreditar em outra coisa, mas afinal talvez seja inconveniente suprimi-la, pelo menos por enquanto.





foto de Manoel Virgílio de Queiroz

Ciro Alegría

O leitor brasileiro só conhece um livro do peruano **Ciro Alegría** (1909-1967) "A Serpente de Ouro". Mas esse e os outros dois romances, "Los Perros Hambrientos" e "El Mundo Es Ancho y Ajeno", já são considerados clássicos da literatura peruana. Para muitos, o conto aqui reproduzido é uma pequena obra-prima.

Déjame contarte, —le pidió un hombre llamado Remigio Garmendia a otro llamado Anselmo, levantando la cara—. Todos estos días, anoche, esta mañana, aún esta tarde, he recordado mucho... Hay momentos en que a uno se le agolpa la vida... Además, debes aprender. La vida, corta o larga, no es de uno solamente.

Sus ojos diáfanos parecían fijos en el tiempo. La voz se le fraguaba hondo y tenía un rudo timbre de emoción. Blendíanse a ratos las manos encallecidas.

—Yo nací arriba, en un pueblito de los Andes. Mi padre era carpintero y me mandó a la escuela. Hasta segundo año de primaria era todo lo que había. Y eso que tuve suerte de nacer en el pueblo, porque los niños del campo se quedaban sin escuela. Fuera de su carpintería, mi padre tenía un terrenito al lado del pueblo, pasando la quebrada, y lo cultivaba con la ayuda de algunos indios a los que pagaba en plata o con obritas de carpintería: que el cabo de una lampa o de hacha, que una mesita, en fin. Desde un extremo del corredor de mi casa, veíamos amarillear el trigo, verdear el maíz, azulear las habas en nuestra pequeña tierra. Daba gusto. Con la comida y la carpintería, teníamos bastante, considerando nuestra pobreza. A causa de tener algo y también por su carácter, mi padre no agachaba la cabeza ante nadie. Su banco de carpintero estaba en el corredor de la casa, dando a la calle. Pasaba el alcalde. "Buenos días, señor", decía mi padre, y se acabó. Pasaba el subprefecto. "Buenos días, señor", y asunto concluido. Pasaba el alférez de gendarmes. "Buenos días, alférez", y nada más. Pasaba el juez y lo mismo. Así era mi padre con los mandones. Ellos hubieran querido que les tuviera miedo o les pidiese o les debiera algo. Se acostumbran a todo eso los que mandan. Mi padre les disgustaba. Y no acababa ahí la cosa. De repente venía

gente del pueblo, ya sea indios, cholos o blancos pobres. De a diez, de a veinte o también en poblada llegaban. "Don Calixto, encabécenos para hacer este reclamo". Mi padre se llamaba Calixto. Oía de lo que se trataba, si le parecía bien aceptaba y salía a la cabeza de la gente, que daba vivas y metía harta bulla, para hacer el reclamo. Hablaba con buena palabra. A veces hacía ganar a los reclamadores y otras perdía, pero el pueblo siempre le tenía confianza. Abuso que se cometía, ahí estaba mi padre para reclamar al frente de los perjudicados. Las autoridades y los ricos del pueblo, dueños de haciendas y fundos, le tenían echado el ojo para partirlo en la primera ocasión. Consideraban altanero a mi padre y no los dejaba tranquilos. El ni se daba cuenta y vivía como si nada le pudiera pasar. Había hecho un sillón grande, que ponía en el corredor. Ahí solía sentarse, por las tardes, a conversar con los amigos. "Lo que necesitamos es justicia", decía. "El día que el Perú tenga justicia, será grande". No dudaba de que la habría y se torcía los mostachos con satisfacción, predicando: "No debemos consentir abusos".

Sucedió que vino una epidemia de tifo, y el panteón del pueblo se llenó con los muertos del propio pueblo y los que traían del campo. Entonces las autoridades echaron mano de nuestro terrenito para panteón. Mi padre protestó diciendo que tomaran tierra de los ricos, cuyas haciendas llegaban hasta la propia salida del pueblo. Dieron de pretexto que el terreno de mi padre estaba ya cercado, pusieron gendarmes y comenzó el entierro de los muertos. Quedaron a darle una indemnización de setecientos soles, que era algo en esos años, pero que autorización, que requisitos, que papeleo, que no hay plata en este momento... Se la estaban cobrando a mi padre, para ejemplo de reclamadores. Un día, después de dis-

CALIXTO GARMENDÍA

cutir con el Alcalde, mi viejo se puso a afilar una cuchilla y, para ir a lo seguro, también un formón. Mi madre algo le vería en la cara y se le prendió del cogote y le lloró diciéndole que nada sacaba con ir a la cárcel y dejarnos a nosotros desamparados. Mi padre se contuvo como quebrándose. Yo era niño entonces y me acuerdo de todo eso como si hubiera pasado esta tarde.

Mi padre no era hombre que renunciara a su derecho. Comenzó a escribir cartas exponiendo la injusticia. Quería conseguir que al menos le pagaran. Un escribano le hacía las cartas y le cobraba dos soles por cada una. Mi pobre escritura no valía para eso. El escribano ponía al final: "A ruego de Calixto Garmendia, que no sabe firmar, Fulano". El caso fue que mi padre despachó dos o tres cartas al diputado por la provincia. Silencio. Otras al senador por el departamento. Silencio. Otra al mismo Presidente de la República. Silencio. Por último mandó cartas a los periódicos de Trujillo y a los de Lima. Nada, señor. El postillón llegaba al pueblo una vez por semana, jalando una mula cargada con la valija del correo. Pasaba por la puerta de la casa y mi padre se iba detrás y esperaba en la oficina de despacho, hasta que clasificaban la correspondencia. A veces, yo también iba. "Carta para Calixto Garmendia?", preguntaba mi padre. El interventor, que era un viejito flaco y bonachón, tomaba las cartas que estaban en la casilla de la G, las iba viendo y al final decía: "Nada, amigo". Mi padre salía comentando que la próxima habría carta. Con los años, afirmaba que al menos los periódicos responderían. Un estudiante me ha dicho que, por lo regular, los periódicos creen que asuntos como esos carecen de interés general. Esto en el caso de que los mismos no estén en favor del gobierno y sus autoridades y callen cuanto pueda



perjudicarles. Mi padre tardó en desengañarse de reclamar lejos y estar yéndose por las alturas, varios años.

Un día, a la desesperada, fue a sembrar la parte del panteón que aún no tenía cadáveres, para afirmar su propiedad. Lo tomaron preso los gendarmes, mandados por el subprefecto en persona, y estuvo dos días en la cárcel. Los trámites estaban ultimados y el terreno era de propiedad municipal legalmente. Cuando mi padre iba a hablar con el síndico de Gastos del Municipio, el tipo abrió el cajón del escritorio y decía como si ahí debiera estar la plata: "No hay dinero, no hay nada ahora. Cálmate, Garmendía. Con el tiempo se te pagará". Mi padre presentó dos recursos al juez. Le costaron diez soles cada uno. El juez los declaró sin lugar. Mi padre ya no pensaba en afilar la cuchilla y el formón. "Es triste tener que hablar así —dijo una vez—, pero no me darían tiempo de matar a todos los que debía". El dinerito que mi madre había ahorrado y estaba en una ollita escondida en el terrado de la casa, se fue en cartas y en papeleo.

A los seis o siete años del despojo, mi padre se cansó hasta de cobrar. Envejeció mucho en aquellos tiempos. Lo que más le dolía era el atropello. Alguna vez pensó en irse a Trujillo o a Lima a reclamar, pero no tenía dinero para eso. Y cayó también en cuenta de que, viéndolo pobre y solo, in influencias ni nada, no le harían caso. De quién y cómo valerse? El terrenito seguía de panteón, recibiendo muertos. Mi padre no quería ni verlo, pero cuando por casualidad llegaba a mirarlo, decía: ¡Algo mío han enterrado ahí también! Crea usted en la justicia! Siempre se había ocupado de que le hicieran justicia a los demás y, al final, no la había podido obtener ni para él mismo. Otras veces se quejaba de carecer de instrucción y siempre despostricaba contra los tiranos, gamonales, tagarotes y mandones.

Yo fui creciendo en medio de esa lucha. A mi padre no le quedó otra cosa que su modesta carpintería. Apenas tuve fuerzas, me puse a ayudarlo en el trabajo. Era muy escaso. En ese pueblito sedentario, casas nuevas se levantarían una cada dos años. Las puertas de las otras duraban. Mesas y sillas casi nadie usaba. Los ricos del pueblo se enterraban en cajón, pero eran pocos y no morían con frecuencia. Los indios enterraban a sus muertos envueltos en mantas sujetas con cordel. Igual que aquí en la costa entierran a cualquier peón de caña, sea indio o no. La verdad era que cuando nos llegaba la noticia de un rico difunto y el encargo de un cajón, mi padre se ponía contento. Se alegraba de tener trabajo y también de ver irse al hoyo a uno de la pandilla que lo despojó. A qué hombre, tratado así, no se le daña el corazón? Mi madre creía que no estaba bueno alegrarse debido a la muerte de un cristiano y encomendaba el alma del finado rezando unos cuantos bamos al serrucho, al cepillo, a la lija y padrenuestros y avemarías. Duro le dá a la clavada mi padre y yo, que un cajón de muerto debe hacerse luego. Lo hacíamos por lo común de aliso y quedaba

blanco. Algunos lo querían así y otros que pintado de color caoba o negro y encima charolado. De todos modos, el muerto se iba a podrir lo mismo bajo la tierra, pero aun para eso hay gustos.

Una vez hubo un acontecimiento grande en mi casa y en el pueblo. Un forastero abrió una nueva tienda y resultó mejor que las otras cuatro que había. Mi viejo y yo trabajamos dos meses haciendo el mostrador y los andamios para los géneros y abarrotos. Se inauguró con banda de música y la gente hablaba de progreso. En mi casa, hubo ropa nueva para todos. Mi padre me dio para que la gastara en lo que quisiera, así, en lo que quisiera, la mayor cantidad de plata que había visto en mis manos: dos soles. Con el tiempo, la tienda no hizo otra cosa que mermar el negocio de las otras cuatro, nuestra ropa envejeció y todo fue olvidado. Lo único bueno fue que yo gasté los dos soles en una muchacha llamada Eutimia, así era el nombre, que una noche se dejó coger entre los alisos de la quebrada. Eso me duró. En adelante no me cobró ya nada y si antes me recibí los dos soles, fue de pobre que era.

En la carpintería, las cosas siguieron como siempre. A veces hacíamos un baúl o una mesita o tres sillas en un mes. Como siempre, es un decir. Mi padre trabajaba a disgusto puliendo y charolando cualquier obrita y le quedaba muy vistosa. Después ya no le importó y como que salía del paso con un poco de lija. Hasta que al fin llegaba el encargo de otro cajón de muerto, que era plato fuerte. Cobrábamos generalmente diez soles. Déle otra vez a alegrar-se mi padre, que solía decir: "Se fregó otro bandido, diez soles!"; a trabajar duro él y yo; a rezar mi madre, y a sentir alivio hasta por las virutas. Pero ahí acababa todo. Esto es vida? Como muchacho que era, me disgustaba que en esa vida estuviera mezclada tanto la muerte.

La cosa fue más triste cada vez. En las noches, a eso de las tres o cuatro de la madrugada, mi padre se echaba unas cuantas piedras bastante grandes a los bolsillos, se sacaba los zapatos para no hacer bulla y caminaba medio agazapado hacia la casa del alcalde. Tiraba las piedras, rápidamente, a diferentes partes del techo, rompiendo las tejas. Luego volvía a la carrera y, ya dentro de la casa, a oscuras, pues no encendía luz para evitar sospechas, se reía. Su risa parecía a ratos el graznido de un animal. A ratos era tan humana, tan desastrosamente humana, que me daba más pena todavía. Se calmaba unos cuantos días con eso. Por otra parte, en la casa del alcalde solían vigilar. Como había hecho incontables chanchadas, no sabían a quién echarle la culpa de las piedras. Cuando mi padre deducía que se habían cansado de vigilar, volvía a romper tejas. Llegó a ser un experto en la materia. Luego rompió tejas de la casa del juez, del subprefecto, del alférez de gendarmes, del Síndico de Gastos. Calculadamente, rompió las de las casas de otros notables, para que si querían, se confundieran. Los ocho gendarmes del pueblo salieron en ronda muchas noches, en grupo y solos, y nunca pudieron atrapar a mi padre.

De mañana salía a pasear por el pueblo para darse el gusto de ver que los sirvientes de las casas que atacaba, subían con tejas nuevas a reemplazar las rotas. Si llovía era mejor para mi padre. Entonces atacaba la casa de quien odiaba más, el alcalde, para que el agua la dañara o, al caerles, los molestara a él y su familia. Llegó a decir que les metía el agua a los dormitorios, de lo bien que calculaba las pedradas. Era poco probable que pudiese calcular tan exactamente en la oscuridad, pero él permeaba que lo hacía, por darse el gusto de pensarlo.

El alcalde muría de un momento a otro. Unos decían que de un atracán de carne de chanco y otros que de las cóleras que le daban sus enemigos. Mi padre fue llamado para que hiciera el cajón y me llevó a tomar las medidas con un cordel. El cadáver era grande y gordo. Había que verle la cara a mi padre contemplando el muerto. El parecía la muerte. Cobró cincuenta soles, adelantados, uno sobre otro. Como le reclamaron del precio, dijo que el cajón tenía que ser muy grande, pues el cadáver también lo era y además gordo, lo cual demostraba que el alcalde comió bien. Hicimos el cajón a la diablo. A la hora del entierro, mi padre contemplaba desde el corredor cuando metían el cajón al hoyo, y decía: "Come la tierra que me quitaste, condenado; come, come". Y reía con esa risa horrible. En adelante, dio preferencia en la rotura de tejas a la casa del juez y decía que esperaba verlo entrar al hoyo también, lo mismo que a los otros mandones. Su vida era odiar y pensar en la muerte. Mi madre se consolaba rezando. Yo, tomando a Eutimia en el alisar de la quebrada. Pero que dolía mui hondo que hubieran derrumbado así a mi padre. Antes de que lo despojaran, su vida era amar a su mujer y su hijo, servir a sus amigos y defender a quien lo necesitara. Quería a su patria. A fuerza de injusticia y desamparo, lo habían derrumbado.

Mi madre le dio la esperanza con el nuevo alcalde. Fue como si mi padre sanara de pronto. Eso duró dos días. El nuevo alcalde le dijo también que no había plata para pagarle. Además, que abusó cobrando cincuenta soles por un cajón de muerto y que era un agitador del pueblo. Esto ya no tenía ni apariencia de verdad. Hacía años que las gentes, sabiendo a mi padre en desgracia con las autoridades, no iban por la casa para que las defendiera. Con este motivo ni se asomaban. Mi padre le gritó al nuevo alcalde, se puso furioso y lo metieron quince días en la cárcel, por desacato. Cuando salió, le aconsejaron que fuera con mi madre a darle satisfacciones al alcalde, que le lloraran ambos y le suplicaran el pago. Mi padre se puso a clamar: "¡Eso nunca! ¿Por qué quieren humillarme? ¡La justicia no es limosna! ¡Pido justicia!". Al poco tiempo, mi padre murió.

A LITERATURA HISPANO-AMERICANA EDITADA NO BRASIL (1955-1976)

Cláudio Arantes

A relação de obras de literatura hispano-americana editadas no Brasil nos últimos 20 anos por si só oferece muitos dados para uma reflexão sobre o intercâmbio literário em nosso continente, critérios de programação editorial em nosso país e outros problemas de cultura e de pendência. Destacamos alguns:

1. Somente a partir de 1968 os lançamentos ultrapassam a 5 por ano. A partir de 1970, com exceção de 1974, ultrapassam a 10. Reafirma-se a tese de que a divulgação dos hispano-americanos entre nós deu-se após o boom europeu.

2. A programação é feita conforme critérios visivelmente comerciais. Os argentinos constituem 50% da relação, enquanto há países com um só autor traduzido. Em termos de qualidade, há lugar para todos os níveis, ou melhor, para todos os gostos.

3. Persiste o desconhecimento de escritores de mérito indiscutível, como os uruguaios Quiroga e Benedetti; os mexicanos Azuela e Revueltas; o equatoriano Aguillera Malta; o peruano Ar-

guedas e o chileno Nicanor Parra. Não bastasse isso, estão esgotados há muito: Sábato, Onetti, Rulfo, Fuentes, Arreola, Icaza, Alegria, Vallejo, Céspedes, Roa Bastos, Guillén e Carpentier, entre outros. Curiosamente há autores cuja obra de ficção foi traduzida em sua totalidade, como é o caso de Manuel Puig e talvez do professor primário argentino Ábalos e do general colombiano Valencia Tovar.

4. Muitas obras têm sido regularmente reeditadas ("Cem Anos de Solidão" está na 17.ª edição e "O Senhor Presidente" na 8.ª). Supondo uma média de 5 mil exemplares por tiragem, temos a provável ordem dos autores best sellers (mais lidos também?), em traduções brasileiras: 1.º García Márquez: 160 mil exemplares; 2.º Cortázar e Asturias: 70 a 90 mil; 3.º Neruda: 50 a 60 mil; 4.º Borges: 40 mil; 5.º Silvina Bullrich, Vargas Llosa e Scorza: 20 a 30 mil.

5. As editoras que mais se destacam são: Civilização Brasileira (20% do total da relação), Sabiá-José Olympio (13%), Expressão e Cultura (10%), Brasiliense (10%), Globo (9%) e Record (8%).

A relação tenta ser completa para o período mencionado (29 de fevereiro de 1976), embora sempre haja possibilidade de omissões. ("É melhor pecar por omissão do que por comissão", lembra Cortázar.) Deixamos de lado as edições especiais da Abril Cultural, Círculo do Livro e Jornalivro, por se tratarem, na verdade, de lançamentos de traduções já conhecidas.

Para prepará-la, observamos o seguinte critério:

- países e escritores em ordem alfabética; estes com as datas de nascimento e morte;
- obras em ordem de publicação no original; título em espanhol citado só quando não traduzido literalmente;
- de cada tradução brasileira, citamos a data da 1.ª edição e, entre parênteses, o número de edições quando mais de uma e a possibilidade de estar esgotada.
- n=novela, r=romance, c=conto, p=poema, e=ensaio.

ANTOLOGIAS:

- "Maravilhas do Conto Hispano-Americano", Cultrix, SP, 58. (Org.: Edgar Cavalheiro e Juan Vendreil.) (2 esg.).
- "Antologia Contemporânea do Conto Hispano-Americano", Inst. Lat. Am. de Vinculação Cultural, SP, 60. (Org.: Abelardo Gómez Benoit.) (2, esg.).
- "Lira da América-Antologia de Poesia Latino-americana", Teixeira, SP, 73. (Org.: Sólón Borges dos Reis).
- "Vinte Contos Latino-americanos", Rev. Status n.º 11A, Ed. Três, SP, 75. (Org.: Gilberto Mansur).

ARGENTINA:

- ÁBALOS, Jorge W.**
- "Shunko" (N), Clube do Livro, SP, 69.
- BIRD, Poldy**
- "Ternura para Sorrir e Chorar/Cuentos para Leer Sin Rimmel" (C, 72), Artenova, RJ, 72;
 - "Amor para Verônica/Cuentos para Veronica" (C, 72), Artenova, RJ, 73.
- BIOY CASARES, Adolfo (1914)**
- "A Máquina Fantástica/La Invencción de Morel" (N, 40), Exp. Cult., RJ, 74;
 - "Diário da Guerra do Porco" (N, 69), Expressão e Cultura, RJ, 72.
- BORGES, Jorge Luis (1899)**
- "Nova Antologia Pessoal", Sabiá-J. Olympio, RJ, 69; (3);
 - "A História Universal da Infância" (C, E, 35), Globo, RS, 75;

- "Ficções" (C, 44), Globo, RS, 70; (2);
 - "O Aleph" (C, 49), Globo, RS, 72; (2);
 - 14,15 — "Elogio da Sombra" (P, 69) e "Perfis/Un Ensaio Autobiográfico" (E, 70), Globo, RS, 71;
 - 16 — "O Informe de Brodie" (C, 70), Globo, RS, 75;
 - 17 — "O Livro dos Seres Imaginários", Globo, RS, 75.
- BULLRICH, Silvina (1915)**
- "Bodas de Cristal" (N, 52), Record, RJ, 71; (esg.);
 - 19 — "Um Momento Muito Longo" (N, 61), Exp. Cult., RJ, 70;
 - 20 — "Amanhã, Digo Basta" (N, 68), Record, RJ, 71;
 - 21 — "Os Passageiros do Jardim" (N), Record, RJ, 71;
 - 22 — "O Feiticeiro" (N, 70), Record, RJ, 71.
- CORTÁZAR, Julio (1914)**
- 23 — "Bestiário" (C, 51), Expressão e Cultura, RJ, 71; (2);
 - 24 — "Final do Jogo" (C, 56/62), Exp. e Cult., RJ, 71; (3);
 - 25 — "Os Prêmios" (R, 60), Civilização Brasileira, RJ, 70; (3);
 - 26 — "Histórias de Cronópios e de Famas" (C, E, 62), Civ. Bras., RJ, 72; (2);
 - 27 — "O Jogo da Amarelinha" (R, 63), Civilização Bras., RJ, 70; (3);
 - 28 — "Todos os Fogos, o Fogo" (C, 66), Civilização Bras., RJ, 72; (3);
 - 29 — "62: Modelo para Armar" (R, 68), Civilização Bras., RJ, 73; (2);

- 30 — "Prosa de Observatório" (E, 71), Perspectiva, SP, 74;
 - 31 — "Valise de Cronópio" (E, 67 a 73), Perspectiva, SP, 74; (Org.: Davi Arrigucci Jr. e Haroldo de Campos);
 - 32 — "Octaedro" (C, 74), Civilização Brasileira, RJ, 75.
- GUIDO, Beatriz (1924)**
- 33 — "Fim de Festa" (C, 58), Expressão e Cultura, RJ, 71;
 - 34 — "A Mão na Ratoeira" (N, C, 61), Exp. e Cultura, RJ, 71;
 - 35 — "Antes do Incêndio" (N, 64), Expressão e Cult., RJ, 70.
- HERNANDEZ, Jose (1834-1886)**
- 36,37 — "Martin Fierro/Martin Fierro, el Gaucho" (P, 1872) e "A Volta de Martin Fierro" (P, 1879), Bels, RS, 72; (3).
- LYNCH, Marta**
- 38 — "O Tapete Vermelho" (N, 66), Expressão e Cultura, RJ, 73.
- MALLEA, Eduardo (1903)**
- 39 — "Todo Verdor Perecerá" (R, 41), Globo, RS, 73; (2, ed. anterior=49).
- MEDINA, Enrique (1942)**
- 40 — "As Tumbas" (R, 72), Brasiliense, SP, 74.
- PUIG, Manuel (1932)**
- 41 — "A Traição de Rita Hayworth" (R, 68), Civ. Bras., RJ, 73;
 - 42 — "Boquinhas Pintadas" (R, 69), Sabiá, RJ, 70; (2);
 - 43 — "The Buenos Aires Affair" (R, 73), Civ. Bras., RJ, 75.
- SÁBATO, Ernesto (1911)**
- 44 — "O Túnel" (R, 48), Civilização Bras., RJ, 61. (esg.).

BOLÍVIA:
CÉSPEDES, Augusto (1904)
 45 —“Metal do Diabo” (R, 59), Civ. Bras., RJ, 67. (esg.).

CHILE:
LAFOURCADE, Enrique
 46 —“Pombinha Branca” (N, 71), Nova Fronteira, RJ, 75.
MISTRAL, Gabriela (1888-1957)
 47 —“Poesias Escolhidas”, Delta, RJ, 69. (Org.: Henriqueta Lisboa.)
NERUDA, Pablo (1904-1973)
 48 —“Antologia Poética”, Sabiá-J. Olympio, RJ, 68; (4);
 49 —“Vinte Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada” (P, 24), Mestre Jou, SP, 64; Sabiá, RJ, 71; (ed. anterior=Martins, SP, 46). (esg.);
 50 —“Ainda” (P, 71), José Olympio, RJ, 75.
ROJAS, Manuel (1896)
 51 —“Filho de Ladrão” (R, 51), Civilização Bras., RJ, 67. (esg.).

COLOMBIA:
CABALLERO CALDERÓN, Eduardo (1910)
 52 —“Terra Alheia/Siervo Sin Tierra” (R, 64), Brasiliense, SP, 68. (esg.).
GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel (1928)
 53 —“Olhos de Cão Azul” (C, 55), Record, RJ, 74;
 54 —“O Enterro do Diabo/La Hojarasca” (N, 55), Sabiá-J. Olympio, RJ, 70; (3);
 55 —“Ninguém Escreve ao Coronel” (N, 61), Sabiá-J. Olympio, RJ, 69; (3);
 56 —“Os Funerais da Mamãe Grande” (C, 62), Sabiá-J. Olympio, RJ, 70; (3);
 57 —“O Veneno da Madrugada/La Mala Hora” (N, 62), Sabiá, RJ, 70; (2);
 58 —“Cem Anos de Solidão” (R, 67), Sabiá-J. Olympio, RJ, 68; (17);
 59 —“A Triste e Incrível História de Cândida Erêndira e Sua Avó Desalmada” (C, 72), Record, RJ, 73; (4).

ISAACS, Jorge (1837-1895)
 60 —“Maria” (R, 1867), Paulinas, SP, 62. (ed. anteriores=Monteiro Lobato, SP, 25 e Clube do Livro, SP, 48).
VALENCIA TOVAR, Álvaro — Gen.
 61 —“Uisheda” (R, 70), Cruzeiro, RJ, 73.

CUBA:
CARPENTIER, Alejo (1904)
 62 —“O Reino Deste Mundo” (R, 49), Civilização Bras., RJ, 66. (esg.).
GUILLÉN, Nicolás (1902)
 63 —“Antologia Poética”, Leitura, SP, 61. (esg.).
SARDUY, Severo (1937)
 64 —“Cobra” (R, 72), José Álvaro, RJ, 75.

EQUADOR:
ICAZA, Jorge (1906)
 65 —“Huaspungo” (R, 34), Edinova, RJ, 68. (esg.).

GUATEMALA:
ASTÚRIAS, Miguel Ángel (1899-1974)
 66 —“O Senhor Presidente” (R, 46), Zumbi, SP, 57; Brasiliense, SP, 67; (8);
 67 —“Vento Forte” (R, 50), Brasiliense, SP, 71; (2);
 68 —“Week-End na Guatemala” (C, 54), Brasiliense, SP, 68; (3);
 69 —“O Papa Verde” (R, 54), Brasiliense, SP, 73.

MÉXICO:
ARREOLA, Juan Jose (1918)
 70 —“Confabulário Total” (C, E, 52), Edinova, RJ, 69. (esg.).
FUENTES, Carlos (1928)
 71 —“A Morte de Artêmio Cruz” (R, 62), Edinova, RJ, 68. (esg.);
 72 —“Aura” (N, 62), Edinova, RJ, 66; Rev. Ficção, RJ, n.º 2, 76.
PAZ, Octavio (1914)
 73 —“Signos em Rotação” (E, 64), Perspectiva, SP, 72.
RULFO, Juan (1918)
 74 —“Pedro Páramo” (R, 55), Brasiliense, SP, 69. (esg.).

PARAGUAI:
ROA BASTOS, Augusto (1919)
 75 —“Filho do Homem” (R, 59), Civilização Bras., RJ, 65. (esg.).

PERU:
ALEGRÍA, Ciro (1909-1967)
 76 —“A Serpente de Ouro” (N, 35), Clube do Livro, SP, 72. (esg.).
MARIÁTEGUI, Jose Carlos (1895-1930)

77 —“Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana” (E, 28), Alfa-Omega, SP, 75.
SCORZA, Manuel (1928)
 78 —“Bom Dia Para os Defuntos/Redoble por Rancas” (N, 70), Civ. Bras., RJ, 72; (4);
 79 —“História de Garabombo, o Invisível” (N, 72), Civ. Bras., RJ, 75.
VALLEJO, César (1893-1938)
 80 —“Poemas”, Civilização Bras., RJ, 66. (esg.).
VARGAS LLOSA, Mário (1936)
 81 —“Batismo de Fogo/La Ciudad y los Perros” (R, 62), N. Fronteira, RJ, 73;
 82 —“A Casa Verde” (R, 65), Sabiá-José Olympio, RJ, 71; (2);
 83 —“Pantaleão e as Visitadoras” (R, 73), Nova Fronteira, RJ, 74. (2).
URUGUAI
GALEANO, Eduardo (1940)
 84 —“Vagamundo” (C, 73), Paz e Terra, RJ, 1975;
ONETTI, Juan Carlos (1909)
 85 —“Junta-Cadáveres” (R, 65), Civilização Bras., RJ, 68. (esg.).
VENEZUELA:
GALLEGOS, Rómulo (1884-1969)
 86 —“Dona Bárbara” (R, 29), Record, RJ, 74. (ed. anterior=Guaíra, Paraná, 48).
OTERO SILVA, Miguel (1908)
 87,88 —“Casas Mortas (R, 54) e “Poço n.º 1/Oficina n.º 1” (R, 61), Brasiliense, SP, 70. (esg.).

ASSINE ESCRITA, A REVISTA QUE FALA A SUA LÍNGUA

Desejo assinar Escrita a partir do n.º
 () por um ano (Cr\$ 100,00)
 () por seis meses (Cr\$ 50,00)
 Solicito o envio dos seguintes n.ºs atrasados:
 (Cr\$ 10,00 cada)

Nome:
 Endereço:
 Cidade: CEP:
 Estado:

ATENÇÃO

Segue vale postal () / cheque visado () para
 Vertente Editora Ltda. - Rua Monte Alegre, 1434.
 Fone: 62-3699 - 05014 - São Paulo (SP)

Escrita, uma revista mensal de literatura

1º Concurso Nacional de Contos Eróticos



Status lança um concurso diferente. A partir de agora, todos os anos, em julho (mês do seu aniversário), a revista vai apresentar os resultados do Prêmio Status de Literatura Erótica Brasileira. É um acontecimento, sem dúvida. Como valorização do autor nacional, como incentivo para que ele se expresse em um dos mais belos terrenos das grandes literaturas.

Status estabeleceu que os contos sejam curtos, inéditos, enviados em três vias para a Av. Paulista, n.º 2006, 15.º andar, assinados com pseudônimo (nome e endereço completos do autor em envelope fechado anexo). Os originais não deverão ter mais de dez laudas, de vinte linhas cada uma, e precisam chegar à redação até o dia 30 de abril. Não poderão ser devolvidos.

Status convidou para compor o júri, que irá selecionar os melhores contos eróticos de 1976, os escritores Jorge Amado, Fausto Cunha e Gilberto Mansur. Nomes conhecidos do leitor, nomes respeitados pelos círculos intelectuais brasileiros. E, o que ainda importa, autoridades na matéria em julgamento.

Status irá distribuir cinco prêmios, de valor incomum em nossos concursos literários. 1.º) passagem de ida e volta à Europa e Cr\$ 25.000,00; 2.º) Cr\$ 15.000,00; 3.º) Cr\$ 10.000,00; 4.º) Cr\$ 6.000,00; 5.º) Cr\$ 4.000,00. Todos os contos premiados serão publicados na revista **Status**, de julho a novembro do corrente ano.

Status espera receber excelentes contos eróticos. Ou seja: relativos ao amor, sensuais, apaixonantes, que falem aos sentidos e também à inteligência. Não há preconceitos, naturalmente. Mas bom gosto é indispensável. Como se deseja que as personagens, os ambientes, a essência dos contos, enfim, sejam o mais possível brasileiros. De resto, nem toda nudez será premiada. Só as melhores.

Prêmio Status de Literatura Erótica Brasileira 1976

STATUS
A REVISTA MASCULINA

BODAS DE PÉROLA



Ivan Ângelo

A coletânea *Duas Faces*, publicada em 1961, reunia sete contos de Ivan Ângelo e duas novelas de Silviano Santiago. Agora Ivan Ângelo chega ao romance (romance: contos, como prefere chamar), com *A Festa*, que a Vertente lança este mês. O tema central do livro é o 1970 brasileiro com todas as suas impossibilidades. De estrutura complexa, com três círculos de ação principais — no centro, a festa e seus participantes; em redor da festa, a chegada dos retirantes nordestinos à cidade e a sua revolta; e em torno da festa e dos nordestinos, envolvendo tudo, o grande inquérito policial que tenta apurar a ligação entre as pessoas da festa e a revolta dos nordestinos — o livro procura uma razão e uma interpretação da atualidade brasileira.

O trecho que publicamos é a primeira parte do episódio ou conto "Bodas de Pérola", que mostra o ponto de vista do marido num casal que está fazendo 30 anos de casado. Pode ser lido independentemente da segunda parte, que mostra o ponto de vista da mulher.

— Tenho tanta coisa para fazer amanhã.

De uns tempos para cá ela começou a fazer planos para amanhã. Mas amanhã ela vai morrer.

— Amanhã, sem falta. e foi tão maravilhosa aquela primeira vez, com juventude e o sentimento de pecado — havia deus naquela época — que ficamos horas abraçados, mortos, como mortos mesmo, assustados diante de tanto prazer

eu pensei que ia morrer e você eu também eu podia morrer agora eu também eu quero morrer quando não for mais assim eu também eu quero morrer junto com você eu também jura juro antes de ficarmos feios e velhos é também se um de nós ficar doente sem cura também vamos morrer juntos hum-hum abraçados vamos estou falando de verdade eu também jura por deus juro juro por deus quem vai escolher o dia nós o sentiremos e durante os primeiros anos vivemos

a mágica daquele pacto, era nossa defesa e superioridade, a coisa maior que conseguimos naqueles anos, nascendo de nós e ficando maior do que nós, como um deus mesmo, de onde nos vinha uma força que escandalizava as pessoas.

— Amanhã

A puta velha pensa que me engana. Hoje ela já falou amanhã seis vezes. E amanhã estará menos parecida com a fotografia, a bela moça da fotografia. Ela aprendeu com as outras putas velhas a suportar um olhar sem interesse, a ficar esquecida numa festa com uma aparência de dignidade, a deitar-se com um homem sem ficar nua, a tirar manchas da pele, a não se abalar quando um homem que a desejava há alguns anos desvia agora os olhos, a gozar uma vez por mês, a ir ao dentista escondida, a não rir da barriga do marido às oito horas da manhã, a acreditar que mesmo assim vale a pena.

— Amanhã, não se esqueça, viu?

Eu a amava devagar e timidamente, num excesso de ternura que também vinha dela. Beijava seus dedos (um cheiro doce de esmalte fresco), beijava a palma da mão um pouco fechada em concha, quentinha. Ai, como esquecer, como esquecer, se ao menos eu pudesse esquecer como foi. Ela passava a outra mão atrás



do meu pescoço, um pouco tímidos em nossas carícias, como que nos recusando. Eu sorria, ela sorria menos, a mão quentinha passeando na nuca; por que é que você riu, nada, fala benzinho, é bobagem, mas fala, estou pensando na primeira vez que te beijei, o que que tem de engraçado nisso, nada, fala pra mim, é que estou lembrando que você não gostou, você achou, (um pouco ofendida) achei mas agora não acho mais (beija na pontinha do nariz), ainda bem, boba não precisa ficar com raiva; e segurei-a pelos ombros, firme, forte e protetor; ela se entregava um pouco mais, era sempre assim, havia sempre aquela espécie de timidez impedindo-nos, uma relutância dela, ou muito escrúpulo meu, e ficávamos assim ternos e sem intimidade, sofrimento da iminência de um pecado, e minha mão direita — não a mão propriamente, os dedos — e meus dedos acariciavam também o pescoço dela e ficávamos nos olhando, sentindo uma quentura terna transformar aquele olhar numa coisa insuportável; tínhamos medo daquele olhar e encostávamos face na face, a mão dela descia um pouco e detinha-se nas minhas costas, quase um abraço, sentíamos, e nos entregávamos um pouquinho mais, rosto colado no rosto, enquanto minha mão acariciava a outra face dela como quem diz eu te amo, o que ela compreendia e respondia com palmadinhas leves nas minhas costas, eu agradecia com um leve roçar de lábios na pontinha da orelha; era um diálogo, dois corpos que podiam conversar: eu te amo dizia o meu corpo, sim eu sei respondia o dela, e hesitava um pouco mas completava eu também, depois sorriamos mais entregues (ela sempre desconfiava um pouco), os corpos muito próximos, quase se tocando, bastava um movimento qualquer, por exemplo, mudança de apoio do corpo do pé direito para o esquerdo e pronto, os quadris estavam colados suavemente, minha mão direita abandonava a nuca e espalmava-se nas costas à altura da cintura, era um apoio, ah, era uma segurança, e ela abandonava-se um pouco para trás, confiando, obrigando-me a sustentá-la com a mão apoiada às costas, e a mão transmitia seu calor através da fazenda fina da blusa; eu era terno e quente e jovem e ela entregava-se um pouco mais, aproximava o corpo, apoiava a cabeça no meu ombro esquerdo, minha face esquerda comprimia sua testa onde uma artéria transmitia em morse eu te amo, eu também te amo menina, eu também te amo menininha, os corpos conversando, eu girava um pouco a cabeça e dava um beijo na fronte, descia os lábios numa carícia leve, os corpos tocando-se com confiança, ela via o rosado moreno da minha boca e aguardava com seus lábios sérios, eu os tocava de leve, tão leve!, juntos entreabrimos sem pressa os lábios, ela prendia meu lábio inferior entre os seus, eu prendia seu lábio superior entre os meus, e nos provávamos com ternura, os corpos bem juntos num abraço leve, e ela sentia minha ereção desde o princípio, sem medo, e me amava por desejá-la, os corpos conversando amor e juventude, ela apertando o abraço, eu introduzindo a língua em sua boca — seus olhos assustados com a

intromissão — ela aceitando minha língua, provando, mordendo devagarinho, depois sugando com prazer, mordendo; eu retirava a língua num gemido e mordiscava a parte interna dos lábios dela, ela respirava mais rápido, ofegante, confiava naquele abraço forte que a prendia e entregava o ventre ao contato do meu desejo, era uma aflição, nossa virgindade era um desespero, mas tínhamos medo; minha língua passeava em sua face até alcançar a orelha e ela se arrepiava e contorcia, friccionando o sexo apertado contra seu ventre; eu me inclinava um pouco sobre ela, ela se inclinava um pouco para trás e abria as pernas, loucos, os dois sexos freiam, um de encontro ao outro, desejavam-se sob as roupas e ainda tínhamos medo, era doloroso e excitante, e ela quase gemia em suspiros, loucos aquele dia, dei a ela minha língua para não ouvir, ela sugava-a com violência, era sempre assim antes de termos toda coragem, era doloroso e excitante, apertávamos os sexos um contra o outro e nos torcíamos nervosos, beijávamos de boca inteiramente aberta, com fome, era doloroso e excitante, meu Deus isso não pode continuar, era um desespero, as mãos passeavam brutas pelos corpos, eu apertava o seio dela, seus olhos me encorajavam, eu te amo, e era bom, eu era violento e bom, meu Deus, alguma coisa vinha lá do fundo, uma dor, uma quentura, sentíamos, e mais urgentes nos agitávamos e apertávamos quase com raiva odiando odiando não não um calor palpitava nas minhas virilhas ela era invadida por um desespero sem ar líquido água ai esvaía-se ai inunda-se meu benzinho meu benzinho arrancava e deixava escapar um ai lá do fundo do peito, um ai quente, soprado, cheio de amor e obrigado.

— Amanhã temos uma peça ótima para ver.

Primeiro ato: A Fêmea Que Suspira. Ela tira a maquiagem da noite, vestida num penhoar amarelo, de rendinhas, enquanto eu tomo meu leite de magnésia e me deito; ela termina sem pudor a sua limpeza de pele passa um creme para dormir, enquanto eu apago a luz de cabeceira; ela se deita ao meu lado, tenta conversar sobre o dia, e eu murmuro fingindo quase sono; ela se cala e começa a sessão de suspiros, que não levam a nenhum resultado prático; ela pretende uma qualquer necessidade de iluminação e acende a luz de cabeceira, que me incomoda a vista; ela tira as pernas de sob a coberta e finge procurar qualquer coisa, alisando-as, ainda sem nenhum resultado prático; ela suspira, apaga a luz a pedido meu e fica oferecendo-se no escuro, suspirando (sem resultados práticos); durante muito tempo recorre aos tais suspiros sem resultados práticos até que eu, meio adormecido, cuido ouvir um soluço abafado, que fecha o primeiro ato.

Segundo ato: A Mulher Satisfeita da Vida. Acordando, já a encontro frente ao espelho, retirando o creme para dormir de uma cara desesperada; quando percebe que acordei, ela sorri e recorre a gestos musicais; vou ao banheiro e, na volta, encontro-a passando o creme para pele seca; espero-a para o café (meia hora), lendo os jornais, vejo-a chegar res-

pirando fundo o ar da manhã e abrir os braços ao sol — Bom dia, sol — como uma atriz de opereta; ouço durante o café os aborrecidos casos de suas amigas, e ela entra em detalhes quanto a Fulana, que arranhou um amante; saio para dar minha aula na Faculdade e encerro o segundo ato.

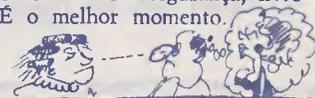
Terceiro ato: A Madame Vai às Compras. (Este ela representa sem mim, com eventuais encontros.) Começa aplicando no rosto a maquiagem própria para a luz do dia; sai, com vestido apropriado; olha vitrines e pergunta preços, uma vez que precisamente nada lhe falta; troca beijinhos eventuais com amigas mais eventuais ainda; olha insinuante para homens que não se insinuem, hélas!; entra numa perfumaria e compra potes de cremes ou latas de pós; encontra uma velha amiga e procura parecer jovem, despedindo-se com um aparece lá em casa; olha fazendas numa loja de tecidos, onde algum rapazinho sempre a atende de maneira excitante e amável, mas não compra nada; volta para casa sentindo fome e cansaço e insucesso, com um embrulhinho ridículo na mão.

Quarto ato: o Vazio em Petit Comité. Começa com o jantar, em que ela conta monótona sua excitante aventura da tarde; depois, tira com um creme a maquiagem do dia e aplica maquiagem mais pesada, para noite; veste-se de maneira apropriada se o programa não é televisivo e sim social; recebemos ou visitamos; de um modo ou de outro, sempre estamos com pessoas que nada têm a acrescentar; ela senta-se empinadinha, olhando muito quem está falando, com um leve sorriso de quem está compreendendo muito, até piscando de tanta atenção; quando pedem sua opinião ela se embaraça: não estava prestando atenção; dá um jeito de conversar com a velha amiga e pede detalhes sobre o amante; chama-a de doída, diz que jamais teria coragem de fazer uma coisa dessas comigo; bebe moderadamente, come moderadamente, conversa moderadamente, caceteia moderadamente; nos despedimos ou se despedem; no quarto, ela veste o penhoar azul, de rendinhas; tomo meu Sorrisal, enquanto ela tira com um creme a maquiagem da noite, preparando-se outra vez para representar A Fêmea Que Suspira.

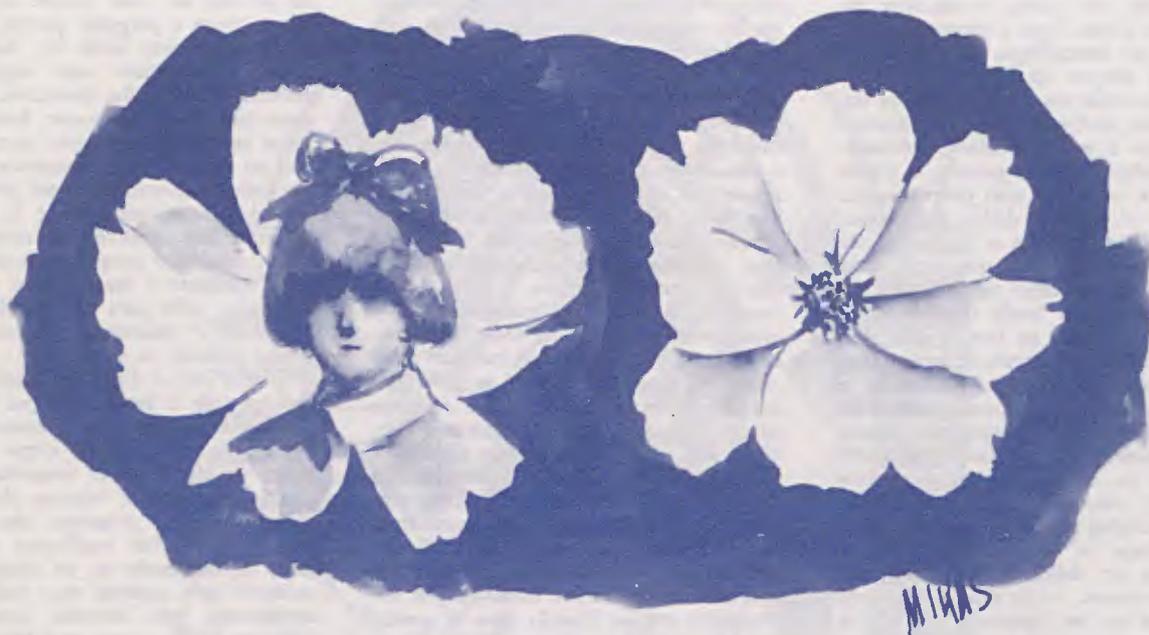
— Vamos à festa amanhã?

Morre-se muito tarde. Sem nenhuma dignidade, o homem fica esperando, adiando, envelhecendo. Não, ninguém vai decidir a hora da minha morte, eu mesmo posso escolher, ainda tenho essa velha consciência esperta. É verdade que não tenho estado atento: na revolução procurei me esconder, tomo cuidado ao atravessar as ruas, evito comer um camarão suspeito. É preciso evitar essas distrações do instinto.

A puta velha pensa, acredita!, que seu prazer ainda é o mesmo da juventude, com esses seios! Ela acredita que eu estou cada dia mais acostumado — à velhice! Já não fica acordada de noite para evitar uma armadilha. Já não se levanta sorratamente para verificar o gás. Já não tem receio de comer o que lhe ofereço. Ela se acredita em segurança, livre do pacto. É o melhor momento.



O VOVÔ DE LASSE MORREU



Janer Cristaldo

Ao chegar em casa, Lasse encontra todos chorando. Pergunta o que aconteceu e fica sabendo que seu avô morrerá. Lasse quer saber então o que é morrer.

— Bem, tu entendes — diz o pai — vovô estava tão cansado e doente que não suportava viver mais.

— Vovô sente alguma dor?

— Não — disse papai — ele não sente absolutamente mais nada.

— Por que vocês choram então?

— Nós choramos porque não encontraremos mais vovô.

— Quando ele volta? — quis saber Lasse.

— Ele nunca mais voltará, pois não existe mais.

— A gente precisa morrer? — pergunta Lasse.

— Sim — diz papai — um ser humano não pode viver tanto quanto quer. Ele se torna gasto e deixa de funcionar. Exatamente como aconteceu com tua bicicleta.

Algum tempo depois pergunta Lasse:

— Onde está o vovô agora?

— Ele está na terra, debaixo da grama — diz papai.

— Ele não tem medo de ficar completamente só?

— Não, ele não tem medo, pois não sente mais nada.

— Ele voltará a se levantar?

— Não, o vovô jamais voltará.

— Vai ficar pra sempre debaixo da terra?

— Sim — diz papai — e aos poucos vai se tornar também terra. Tu sabes, é como as folhas que caem no chão no outono. Elas se tornam terra depois de algum tempo.

— Que acontece com a terra, então? — pergunta Lasse.

— Da terra nascem flores, grama e árvores. Todas as plantas se sustentam da terra. As anêmonas,

as tussilagens e todas as outras que existem.

Lasse pensa um instante e pergunta:

— Dói quando a gente se torna terra?

— Não, a gente não sente absolutamente nada — diz papai.

— As crianças morrem?

— Sim, se elas ficam muito, muito doentes ou se sofrem um acidente.

Lasse quer saber o que é um acidente:

— É quando, por exemplo, a gente corre na rua e é atropelado por um carro. Por isso as crianças nunca devem brincar ou correr pelas ruas — diz papai.

No dia seguinte, quando Lasse brinca, encontra uma anêmona na grama. Havia recém-desabrochado. Lasse olhou para ela e abanou:

— Alô, vovô — disse triste para si mesmo.

NOVOS: POEMAS

José Antônio Cavalcanti mandou seu poema do Rio de Janeiro: faltam o CPF e os dados pessoais. Vital Correa de Araújo é um pernambucano de 31 anos, que está trabalhando, temporariamente, em Natal. De Canoas, Rio Grande do Sul, é Paulo César da Rosa, que em dezembro completou 19 anos. Também gaúcho é Marco Celso Huffell Viola, autor de dois livros e colaborador eventual do Pasquim e de jornais de Porto Alegre. Alagoano mas residente em Natal é José Jarbas Martins ou Jarbas Martins, como é conhecido; tem 32 anos, é promotor de Justiça e professor universitário; com Moacy Cirne, Dailor Varela e Anchieta Fernandes, fez parte do grupo DES, que lançou a poesia concreta no Rio Grande do Norte. O carioca (?) Nathaniel Braia está terminando de escrever seu primeiro livro de poemas. Outra carioca, Juju Campbell Penna, já tem livro publicado e é boa tradutora de poesia. Jornalista no Rio até há bem pouco tempo, Roberto Reis, graças a uma bolsa, estuda literatura nos Estados Unidos.

POEMA N.º 2

José Antônio Cavalcanti

descarregar os socos reprimidos no vidro
partido
esquinas perdidas na noite irrequieta
a ronda
no escuro por trás dos edifícios
me roda
os círculos de fogo na mente alimentam
versos
incêndios no meu cabelo se alastram
à epiderme
nada se perde tudo se inventa sempre
e quando
não há engano sem reconstrução
há crentes
eternizando enigmas sinais e códigos
no tempo
a vida dança na sombra próxima ao poste
a ambulância
ajuda a distância do sonho às minhas veias
além do véu mudo
os terrenos estão cheios de latas e caixas
tudo escuro
repressão no distintivo nas leis na impotência
é tudo um muro
sonhos revoando os dentes de um vampiro
o sangue eterno
o seu suicida e constante derramamento
em defesa
do banquete dos bancos das baionetas dos brutos
não desfaleço

teço a trama cruel dos fogos cruzados nas barricadas
e pontes
broto no ar de fumaça das chaminés das fábricas
chupando
a energia e a coragem dos operários despedidos
nos pratos
vazios nas roupas sem bens nem vinténs marginais
das favelas
desço ao ventre de ouro e prata e ateo veneno
às poças d'água
não me importa o pé chutando os meus culhões
nem o cheiro
de urina entrando quente na minha boca
destruída
descarrego tudo o que levo e não me pertence
entrego
o ódio e a muralha de insensatez devolvo aos pares
do reino
crio lutas sangrentas entre criaturas disformes
o embate
entre a chuva que cai e a fumaça ascendendo
dum baseado
estrelado verde rubro sem amarelo azul brinquedo
me encho
os bolsos de drogas poemas canções y revoluções
a lata de lixo
enche-se de leite enquanto mãe-mendiga dorme
mais seus filhos
no chão em que todos pisam e escarram sem distinção
confundindo
os marginais e o chão.



MURILO ENEGEÔMETRA MENDES POLIPOETA

poema poliédrico
ao esferomendes murilocúbico

Vital Correa de Araújo

apaga as luzes do livro,
mastiga vogais e sílabas,
soletra serra e serrote
e ultrapassa os hiatos

vai além das dissonâncias
e dos proparoxítonos

não é amarelo,
nem de amianto

não anda nas nuvens
e nem usa calças

nunca pôs mar nos remos

serra e martela,
metralha e gera,
jinga na jurema.
oprime os duques
com mão de torquês

dança com as ferramentas,
dialoga com objetos maníacos
na língua dos dentes da serra

experimenta a competência
dos barbeiros políglotas,
lavrando incêndios de verbos
no laboratório das letras

é ateu ativo à toa

adora verdes chacais
e bebe champanha veloz
na mama etílica da mãe

fez desandar os peritos peripatéticos,
fez a mordada dos filósofos desdentados
e desvendou a face gasta da justiça

atropelou pedestres botânicos
no asfalto rural

exercita o libido em família

usa os pincéis dos pintores
para limpar os vasos usados
por críticos incolores necessitados

faz pipi na sala de cerimônia.
sabe o sexo das vamps

sonha sonhos remotos
lastreados por radares lisérgicos

admira os tigres
e os olhos de sabre
do piloto nagasaki

treina a pulga dos cães
e adora a alta
da gasolina dos aviões

comunga claramente com relâmpagos

sua naftalina,
bebe bestas,
veste-se de apocalipse à tardinha

serve-se do amor
das criadas italianas

é assíduo balconista
dos amores no varejo,
intermediário
dos ódios usuais,
corretor
das paixões monetárias

freqüenta a exposição de raios laser
janta chacais industrializados
espetados na mesa por três punhais acesos

atira balas fálicas
no ovo de páscoa
e joga gemas americanas
na lousa clara do ocidente

eis o ócio e o negócio
do Menino Experimental,
produto da química cotidiana
do alquimista Murilo Mendes

enegeômetra e poeta,
mago, bruxo, cibernetista

artesão de cubos,
escultor de esferas.

poeta poliédrico.

NADA QUE FAZER DE NOVO

Paulo César de Rosa

Talvez olhar a chuva mansa
caindo depois da meia-noite
como quando chuva era chuva
sem ciência e sem receio
e perder-me nas gotas molhar
os cabelos molhar os cabelos
tirar estas roupas da face
e os sapatos furados na sola
sujar o ventre de barro e lavar
largar largar-me na chuva
mas existe
um policial e um concorrente
em cada olhar
nesta cidade mendiga
então olhar para os pés
soprar nesta gaita
som de tristeza
enquanto no telhado
gatas no cio
sangram vermelho
e dentro me acusam
revólver na mão
desta fotografia
que o lixo esqueceu
então limpar estes dentes
amarelos pequenos de medo
e os olhos no fundo cansados
buracos com massa caída
dos sonhos de um bêbado
então cheirar o podre das paredes
caçar baratas e mariposas
que amontão no canto da porta
fechar a porta e a janela
e parir um medo sangrento
às duas da manhã
acender um cigarro
incêndio para os olhos
abrir um livro e ler
cinco palavras

NO HACIA MAS QUE MORRIR

LEITURA PARA ADULTOS

Marco Celso Huffell Viola

Poema pela cabeça de Lampião, Maria Bonita e Diabo Loiro que estiveram expostas até janeiro de 1969 em um museu de Salvador, Bahia.

Podê ser lido e decomposto em qualquer direção.

Faça um caso por acaso / tirando sarro /
enrola outro nas tuas asas de seda /
engole / degole / e arrote coca / na
cola de um cometa
Guarde o segredo numa caixa de cetim
/ ai de ti / se não fizer assim / pra
não / pintar sujeira / No Palácio do
Riso / fugas / figuras famintas perseguem
/ um sonho um pesadelo / com entrada
grátis e jogos de espelhos / na mão tenha
presente / miséria e perigo / inimigo na
tua cara estampada / na tela de tevê
macacos amestrados / aprendem a usar
desodorantes / tire um segredo do nariz
/ arrancado mistério na raiz / Mandrix /
Meleca / Molambo / dê uma quebrada
/ uma quina / um beijo / coberto de
confete e serpentina / Bata palma e peça
bis / Sorria sorria que a vida é alegria /

COSCAS

Nathaniel Braia

tenho as unhas por fazer
com elas çoço a coxa direita
até que a pele avermelhada
me dá uma sensação de alívio

enquanto escuto
unos tangos misteriosos
(onde o contrabaixo dá o ritmo
compassado)

caspas se fazem sentir,
deixo a caneta e (embora o telefone
toque)
rasgo a pele pouco acima da minha nuca

viro o disco e sinto uma comichão
(na bunda)

—É,
o jeito é criar coragem,
aumentar o volume
entrar no banho
e lavar a cabeça com shampoo:
... "el dia en que me quieras"...

TARDE

Juju Campbell Penna

Avermelhado só o eco, das paixões
e eu não sabia se em meu ano entrava
[ou do que saía
e se compasso houvesse fosse ele ascensão
liberação das máscaras de cera em voltas
[obsessão
manequins engomados em mouca alocação
tantas vezes girando e já eu não os
[confirmara?
de meus longe-dimensão? e que outros
[subiam, de tacos adolescentes
de que famintas vitrines, de que
[situações?
" [tout de mème j'en savais quelques
[histoires"]

posto que sem detalhes em inseção
que vale saber tudo.
qual esse efeito, e que conclusão?
e noutras praias já nos nadávamos
submergíramos falando calados
em márea ondulação
e já nos afogávamos e nos
[transformavam-nos
nem nos charquearam
tácitos nos enxarcávamos
em líquida dominação
instante roxo penugem
a tarde o espanto empuxo-imantação
salsugem salpico sal salpicando à volta
[até a

montagem da fatal maquinação.
Mas rearmaram-se os dois reis noturnos
deslizam entre incomensuráveis túmulos
desfila carro-caixão e nem
saltitaram tainhas
nem houve punhais negros
seriedade sobrechovendo chuva dourada
violeta tarde fragmento
armas-lanças-engonço-razão
imortais inconfundíveis foram reis contra
[arremedios.
O desfecho sendo íntegra a chegada
à letra, ao refrão.

SONETO IMAGINÁRIO PARA
NOVEMBRO

Jarbas Martins

Agora que novembro libertou os
enigmas que habitam o calendário
e — gaivota imatura — fez-se em vôos
ao Atlântico azul e legendário;
agora que novembro — operário
do mar — alicerçou a estação
e levantou os muros de verão
para prender-te o corpo imaginário,
seremos livres pássaros. Então —
além do bem e do mal, nas nossas
bocas —

beijos e gritos inventar-se-ão
e lúcidas canções de frases loucas.

Agora, que é novembro e me descubro,
desfaço-me das vestes de outubro.

CANTO IX

Roberto Reis

te equilibras no silêncio claro
da manhã gorda de luzes

cumpriras a cerimônia da entrega
deixando cicatrizes e talhos.
serias outra vez o anjo cínico de olhos
[verdes
aliviando terno os cabelos de uma testa

/ se pudesses nadar
procurarias o oceano /

doar-se, daquele modo mais pleno,
corpo a corpo, boca a boca, pele a pele

ela respira trêmula e alva
solta dentro de um movimento branco
solene e tímida como uma garça

depois o sol escorre da pedra branca

estará fazendo um crepúsculo tão
[avermelhado
como esse que arranha a vidraça

NOVOS: CONTOS

O autor de "Miserere Nobis" mora na Ilha do Governador, Estado do Rio, tem 18 anos e está começando seu curso de sociologia na UFRJ. Ângela Barros Leal Farias tem 23 anos, nasceu no Ceará e agora vive em São Carlos, interior de São Paulo; estuda biblioteconomia e tem uma filha de dois anos. Maria Olímpia Alves de Melo é mineira de Lavras, formada em filosofia; já ganhou um concurso de contos e costuma publicar suas coisas no Suplemento Literário do Minas Gerais e em jornais do interior.



MISERERE NOBIS

José Augusto de Souza Rodrigues

Eu era muito pequena, mas ainda me lembro, como poderia esquecer aquele dia? Meu pai e minha mãe estavam discutindo desde a tarde e vararam a noite no bate-boca. Já quase de madrugada, senti que o ar da discussão já não era tão inflamado, os palavrões foram dando lugar a palavras carinhosas e parecia que eu tinha ouvido alguém chorar. Olhei em volta, éramos nove irmãos em um quarto só.

Por isso, pensei que o choro vinha de um deles, mas estavam todos acordados, muito assustados com os olhos realçando ainda mais no rosto magro e esverdeado; mas quem estava chorando era minha mãe.

Apagaram a luz do quarto e ouvimos a princípio pequenos gemidos lá. Com os quais já estávamos acostumados, duas vezes por mês pelo menos, eles iam dormir mais cedo e não discutiam. Mas, naquela noite, o que ouvimos eram uns urros desesperados de uma angústia de mexer o estômago da gente; sabe, igual a hora do almoço.

A noite parecia interminável na expressão de todos, menos na de meu irmão mais velho, que sentado num canto, isolado de todos nós, parecia compreender tudo aquilo que se passava, sem nos dar a menor explicação.

De manhã cedo, minha mãe nos acordou, deu banho e botou a roupa de mis-

sa. Meu pai estava parado à porta do quarto com uma aparência de defunto, tinha a mesma expressão do tio quando morreu.

Tomamos um café e saímos. Meu pai e minha mãe, à frente, duros, tristes mas andando; não demorou muito, nós chegamos a uma casa enorme, com portões que pareciam uma grade de cadeia. Minha mãe chamou alguém, vi meu pai tentar impedi-la, mas foi inútil. Daqui a pouco, chega um homem gordo com um enorme nariz vermelho, foi muito educado e nos convidou a irmos ao jardim. Minha mãe disse que não. O suor caía enbebado da testa do homem e ele limpava com um enorme lenço, que guardava dentro da camisa, que ocultava a sua enorme barriga, porém o mais irritante era o enorme charuto que ele fumava e parecia jogar, propositalmente na cara de meu pai, sem haver qualquer reação de sua parte. Ele, que antigamente, não levava desaforo para casa, agia como boneco, seguindo com os olhos os movimentos da mão do homem que tinha a unha do dedo mínimo grande, pra combinar com um enorme anel de ouro. Daqui a pouco, ele levou meu pai lá pra dentro, e nos proibiu a todos de entrar. Nós, os mais novos, ainda ficamos gritando e chorando nas grades do portão. Os mais velhos, logo, mais realistas, só ficaram um pouco para iludir a consciência. Meu pai apareceu numa janela para dar adeus, porém rapidamente uma mão o retirou de lá e fechou a janela com força, um descuido tê-la deixado aberta.

Foi a última vez que vi meu pai. Minha mãe e meus irmãos, mais velhos, já estão tomando estrada, com o primogênito ao lado de minha mãe, tomando o lugar de meu pai, ou melhor, assumindo, como disse.

Nós, os novos, ficamos até anoitecer com a cara enfiada na grade, chorando, esperando que meu pai saísse de lá de dentro, mas a noite era fria, a fome, a sede e o cansaço nos levaram de volta para casa.

A partir daquele dia, a vida começou a melhorar para nós, a falta de meu pai era suprida por café, leite, pão fresco e no almoço feijão e arroz. Meus irmãos perdiam o tom esverdeado e pareciam ficar mais bonitos, chegamos a comer carne, uma delícia; até que as coisas começaram a piorar novamente, aos poucos, a comida ia sumindo outra vez da mesa da gente. Daí, não demorou muito, minha mãe chamou meu irmão para conversar, no quarto dele.

Os mesmos gritos do tempo do meu pai. Mas esses calaram mais cedo, pois o meu irmão tinha mais senso de realidade que meu pai.

De manhã, nossa mãe nos acordou, nos deu banho e botou a roupa de missa. Meu irmão parado no mesmo lugar do meu pai naquele dia, sua expressão era a dele.

Fomos até aquela casa e meu irmão entrou. Dessa vez com menos choque para todos; viemos logo embora.

A vida melhorou muito lá em casa. Porém, meu outro irmão já sabe, quando piorar ele terá de ir...



X, Y, Z

Maria Olímpia Alves de Melo



Os comandantes decidiram exterminar seus inimigos na manhã seguinte tão logo o sol nascesse. Os comandantes achavam que um ataque de surpresa acabaria com a guerra. Os comandantes sempre acham que estão com a razão, assim como acham que o sol e a lua foram criados para facilitarem os seus planos. Os comandantes expediram uma ordem mandando que todos fossem avisados. Cabos, vassouras e baldes, sargentos e coronéis, cães e vermes, bruxas e fadas, baionetas, tanques e metralhadoras, vacas, faquinhas e facões, todos foram avisados e se prepararam escrevendo cartas para casa.

Todos ficaram sabendo menos Xisi e Ypsi. Xisi sempre estava ausente e Ypsi nunca estava presente. Eram poetas e faziam das desimportâncias importâncias, desimportando-se das importâncias.

Antes que o sol nascesse os comandantes levaram suas tropas para o local da contenda. Os comandantes ficaram surpresos ao se encontrarem no mais belo dos campos do país de Zêpolis. Os comandantes se sentiram perdidos e por um instante pensaram com saudade nos seus campos, nos campos de Xisópolis e Ypsilândia. Os comandantes se sentiram perdidos mas sonhando com um resto de espe-

rança mandaram seus homens tomarem posições. Os comandantes deram ordem de atirar e se colocaram na retaguarda. Os corpos de Xisi e Ypsi foram os primeiros a tombarem. Os corpos dos comandantes foram os últimos a caírem. Depois que tudo acabou, os zepolitinos armaram uma grande fogueira e se puseram a dançar e a cantar até que na tarde do outro dia os comandantes se levantaram e mandaram novas tropas para recomeçarem a guerra.

Enquanto isto duas novas estrelas surgiam nos céus de Xisópolis e Ypsilândia.

É OBSÉQUIO NÃO FUMAR

Ângela Barros Leal Farias

Fui ao cinema sozinha. Pus minha peruca mais desenfreadamente ruiva, meus cílios quilométricos e minha anabela preferida. Sentei na última fila e acendi um provocante cigarro, soprando as nuvens mais espessas que pude conseguir, em direção ao avisozinho chato de não fumar. Um cara sentou do meu lado assim que as luzes se apagaram. Olhei com o canto do olho, só pra sacar o tipo: termo clube-um, gravata de estampa horrenda, bigodão mexicano, oh Jesus, ainda? Cruzei a perna no começo do jornal, descruzei no fim, cantarolando as musiquinhas todas. O

cara tava de olho nas minhas pernas, alisando o bigode mexicano. Tossiu, arrastou os pés no chão, mexeu-se pra todo lado, e eu nem sinal de olhar. Abri minha sacolona, tirei chiclete de dentro, fiz milhões de bolas e cuspi o chiclete pertinho do pé do cara. Ele se engraçou com isso e botou a mão na minha perna. Uma mãozona suada, morna, e eu nada. Abri de novo minha sacolona e acendi outro cigarro, charme, charm, sei lá, deixei ficar aquela brasinha bem vermelhinha, à custa de uma tragada ultraprovocante, e apaguei com toda força naquela mão boba na

minha perna. O cara deu um grito que vou te contar. Correu ele pra um lado e eu pro outro. Me tranquei no banheiro, toda ofendida, um banheiro daqueles bem horrosos, aproveitei e contribuí rapidamente com algumas frases para a galeria de palavrões, insultando todos os homens do mundo. Depois, como sempre, tirei o vestido, minhas maravilhosas anabelas, cílios, peruca, tudo, e vesti calça, camisa, uma chinela baixa e saí. Olhei bem até encontrar uma mulher sozinha, sentei do lado e botei a mão na perna dela. Se ela fizer o que eu fiz, meto-lhe a mão na cara.



REGISTRO

TRABALHOS RECEBIDOS

Contos

Paulo Fernandes: "Guris";
Rosa Maria Badran Kalil: "De Mudança", "A Escada";
Fernando Flávio Rodrigues: "Portaria 27";
Agnelo Régis: "Caminho Total", "Poeta — Um Homem Esquecido";
Karen: "O Estacionamento";
Ramatis Jacinto: "O Encontro";
Paulo Steluk: "Degraus";
Cilene Mello Freire Peres: "O Conto de Zap";
Paulo Roberto Campos Vaz: "O Pedido";
José Eduardo Silva Gonçalves: "As Oito";
Regina Maria de Souza: "Esta Mulher É Uma Santa";
Emmanuel Nassar: "O Saldo";
Hugo de Almeida Souza: "O Cômodo Novo";
José Luiz de Miranda Alves: "A Crônica do Conto";
Luiz Puntel: "Sentido!", "Capítulo Treze, Versículo Quatro", "O Aborto", "Sansão Não É Mais Aquele...";
Ainos: "Di Onde Zeca Viera?";
Elizabeth de Fronteira Elício: "Pisando nos Dias";
Lúcia Castelo Branco: "De Como Adormecer Pintos e Galinhas";
José Marques Barbosa: "À Espera";
Benedito Antunes: "Os Bêbados";
Mariza Vitoria Pettinelli: "Libertação", "Pérolas Mortas";
Álvaro Ottoni de Menezes: "Os Peixóleos da Lagoa de Freitas";
José Gomes Temporão: "A Volta";
Sandra Lúcia Abrano: "Profissão: Janeira";
Achille Guido Picchi: "Paranóia";
Ricardo Prado Pupo Nogueira: "O Ruído de Discar";
Sandra Carbonelli: "Quinze Minutos de Atraso";
José Fabiano da Rocha: "O Apinhadão", "Srta. Lúcia Silveira";
Eclison Tito Silva: "Dom Silêncio";
Sabine Prast: "Nuvens";
Celso Fioravante Rocca: "Em Defesa do Dr. Kaneta, o Poeta";
Glaucio Mattoso: "A Puga, Ou, Quem Foi Que Inventou o Plural?";
Edvaldo Ribeiro de Oliveira: "O Tio da Guerra", "Drácula ou Investimento na Terra em Transe";
Jayce André: "O Estraga-Prazer";
Cícero Antônio de Sá Ramalho: "A Revista".

Poemas

Ruy Espinheira Filho: "Os Bens Maiores", "A Volta ao Lar", "Púrpura e Diamância";
Ilka Brunhilde Laurito: "Metrô", "Saldo", "O Fóssil", "Ampulheta", "Happy Birthday", "Aspirador";
Agnelo Régis: "Preço", "Aura Que Faz Amar", "Pensamento/Realidade", "Solidão";
J. Carlos Sant'Anna: "Buñuel", "Brincadeira", "De Uma Missão";

Luiz de Miranda: "Adeus Desusado", "Melancolia Geral";
Manoel Alves Calixto: "Lutar", "Sem Preço", "Sob a Chuva", "Promessa";
Myriam da Costa Hoss: "Sensação Cósmica", "Desintegração Automática";
Rafael Guerra Baião: "O Poema dos Chocolates Brancos", "No Dia em Que Fiz Anos";
Sidnei Moreira Cruz: "Agruras";
Jucira Vieira de Castro: "Sabedoria das Lágrimas", "Enquanto Houver Palavras";
Carlos Felipe Delaunay: "Poeminha Besta prá Acender uma Luzinha Besta no seu Depósito de Besteiras Rejeitadas pela sua Coerência Possessiva e Intolerante";
Gildo Santos: "Época", "Quero a Morte", "Ubatuba";
Marcus Castro: "Nu", "Viajantes";
O. Reyex: "E, Eu, Irmã..."; "Carta de Felicitações";
O'Connell J. T. Moura: "Beco das Águas", "No Centro da Noite", "No Corredor de Pedras";
José Luiz de Miranda Alves: "Ficou Guardado na Caixa Azul da Memória", "Hoje Estou Com Esta Trave Cravada no Olho";
César Roberto Camargo: "Realidades", "Ferrugem";
Marcelo de Freitas Marques: "Gelo e Lama", "Você Ri de Mim Agora Não É?";
Jurandyr José de Mello: "Re-Flexão";
Isaac Antônio Camargo: "Borboletas de Asas Falsas", "Solto no Vento";
Raimundo Barreto: "Os Eleitos";
Lúcia da Silva Gomes: "A Morte pelo Ator", "Reflexo";
Alfredo Plácido Delatti: "Soneto de Paz Total", "Súplica";
Ítalo Moriconi Jr.: "O Parque", "Projetos";
Maria de Lurdes Silva: "Interior", "Ilesos do Eufemismo Vital";
Wilson Araújo de Souza: "Comercial de TV", "Quarto-e-Sala Pede Paisagem", "Xerox Holmes", "Corredores Comendo a Coragem de Ir Embora", "Textobomba";
César Marrano Piovani: "Tempos de Inquisição", "Novíssima Arcádia";
Daniel Pedro da Silva: "Benedita", "Rotação";
Fernando Fábio Pereira: "Pode", "Amo Sim", "Momento de Amor", "Fronteira";
José Eduardo Silva Gonçalves: "Poema da Espera";
Rogério Menezes: "Poema do Bêbado (e do Cineasta)", "Cicatrizes", "Coração Rasgado", "Alagados", "Pedro", "Xangô, Cadê Você?", "Dê um Tiro no Medo", "Luzes da Cidade", "Poeta-Estandarte";
Mário Marques da Silva: "Gênesis";
Antônio Costa: "Anoitecer", "As Cigarras";
Rosa Cohen: "Curriculum Vitae", "Transformação";
Clínio Jorge de Souza: "Pisca-Pisca", "Losango Poético";
Jayme Xandó Cunha: "Operários I", "Operários II", "Operários III";
Celso Araújo: "Tarde Integral", "Maritude";
Themístocles de Souza Jr.: "Cidade Francesa";
Nazaré Martins: "Desabafo", "Explodam Esses Corações Mal-amados";
Bete de Alcântara: "Senhora das Dores do Parto", "Quisera Não Morrer-me para Vós", "Passarinho Rouco de Velhas", "América";
Roberto Bozzetti: "Escrita Cotidiana", "Modelo de Herói";
Orides Fontela: "Poema", "Relógio";
Sérgio Amaral Silva: "Exercício Freudiano";
Sabine Prast: "Ilusão Decepcionada", "O Mendigo";
Sandro Renato de Ranieri: "Bandoneon";
Achille Guido Picchi: "Um Crânio", "Frustração";
Eugênio de Lima Martins: "Nos Tempos de Gonçalves Dias", "O Canto da Terra", "Poema ao Amor Sem Palavras", "Fragmento de Vida", "A Quem Busca o Nirvana", "Tentativa de um Poema";
Ricardo Umberto de Abreu Faillace: "Aceno", "Espelho";
Pablos de Souza: "Rato no Aniversário", "Corpo a Corpo", "Todo o Dia às Seis";
Gil Sevalho: "Movimento das Lágrimas", "Dispensário de Estrelas";
Macal: "Amigo, Amor", "Momentos";
Luiz José de Souza: "Posição de Agonia", "Instante";
Givaldo Mota: "Tojosânia";
Melquizedeque Pereira Sobrinho: "Segredo Que Não Se Conta", "Solução";
José Fabiano da Rocha: "O Monte", "O Amor", "O Tempo e o Pêndulo";
Renato J. Andrade: "O Prisioneiro", "Sentimento", "Alma de Pescador";
Gérson Rocha da Silva: "Mulher de Ferro";
Ley Vaz Guimarães: "Jovem Também Sente Saudade", "A Hora das Imensas Horas";
Maria Regina Moura: "Transparências";
Maria Helena Lima: "Possibilidade", "Tarde da Noite";
Francisco Martins da Silva Neto: "Luzia";
Vitor Hugo: "Por Lúcio Cardoso";
Luiz Jorge Ferreira: "Poema a Casa de Palafita", "Amazofindo";
José Carlos Bertollo: "Meu Cristo", "Eu Sou a Noite";
Édson Costa e Silva: "Guatemala 76", "Passeio Noturno pela Rua 13 de Maio", "Eu Dentro de Mim", "Discriminação";
Paulo César Venturelli: "Pássaros Interrompidos", "Manhã";
João Bosco Almeida de Souza: "Dever do Poeta é da Sua Poesia", "Chegança", "Semente de Flor";
Amador Ribeiro Neto: "Farraparia", "Sonatina";
Maria Olímpia Alves de Melo: "Na Escola", "Sina";
Hermenegildo Bastos: "Pregos de Sol";
Celso Fioravante Rocca: "Siesta", "Tarda. Jamais Falha";
Aristides Sérgio Klafke: "1.ª Notícia", "2.ª Notícia";
Roberto Betti: "Natal", "Lourdes";
Ana Cândida Costa: "Bairrismo", "Composição", "Vilania";
David Araújo Filho: "Fingir É Conhecer-se", "Legado", "Solidão", "Recordações ao Século XX", "Razões de Não Gostar".

contos e poemas recebidos

INFORMAÇÃO

O noticiário desta seção é fornecido por colaboradores de todo o país.

— Mas este ainda é o País das Bruzundangas, de que falava Lima Barreto. É oito ou oitenta. Ou o escritor é congelado uma dezena de anos na Sibéria literária, ou é envolvido, folclorizado e vira mito nas águas e ondas da badalação. Ou o esquecem ou o puxam simultaneamente pela cabeça e pelos pés — o disputam, o solicitam para um número de coisas que o falado não poderá cumprir por falta de tempo. Total: ou há carência ou há sobejo.

E tudo isso em termos de trabalho, em geral, até extraliterário. Trabalho mal pago que não permite ao escritor sobreviver. E mais, falando claro: na hipótese de lhe pagarem o trabalho.

Escrever continua sendo brilhareco neste país, longe de valer como uma profissão. A verdade limpa é que a literatura aqui ainda é feita por alguns homens para alguns grupos, espécies de clubes de amigos. E, a meu ver, quem arredar o pé dessa realidade, já estará no terreno movediço da pura ilusão.

No momento, tenho dois livros na lista nacional dos mais vendidos (revista "Veja") — "Leão-de-Chácara" e "Malhação do Judas Carioca". Enquanto isso, "Malagueta, Perus e Bacanaço" chegou à quarta edição em pouco mais de seis meses, depois de um congelamento de 12 anos. Considere-se que tenho uma edição especial de "Leão-de-Chácara" fora do mercado das livrarias, tirada pelo Círculo do Livro, de São Paulo. Logo, o meu segundo livro também está em 4.ª edição.

Um autor que passou a vender, sem dúvida. Mas vende quanto? Sou um best seller inteiramente à luso-afro-tupiniquim. Isto é, um duro, um teso, um quebrado economicamente e, por ironia, um badalado da Bruzundanga, uma vedeta de calcinhas furadas neste Reino de Jambon, onde é mais provável um burro sair voando do que um escritor chegar à profissionalização.

As edições continuam, como há vinte anos, extraindo 3, 4 ou 5 mil exemplares. Apanhe-se o preço de capa do livro, retire-se dez por cento e é esta fatia que me cabe. Quem não for cego em aritmética perceberá logo que não estou ganhando nem para o pagamento do aluguel de casa. E a verdade clarinha é que glória não se põe na mesa; eu sobrevivo exatamente das mesmas atividades não literárias que me sustentam (ou me permitem certa subsistência, para ser claro) nos últimos 20 e tantos anos. Ou, como diriam os meus personagens, "tirando minhoca do asfalto com luva de box".

Aliás, se Malagueta me visse assim, provavelmente diria:

— Ô best seller de araque! Se isso for boa situação, meu, urubu é meu louro e paralelepípedo é pão-de-ló. Desguia, azar! (João Antônio)

— Para o escritor que vive em São Paulo, ou qualquer outra capital, Brasília pode parecer um paraíso. Uma casa na beira do lago, uma biblioteca e uma máquina de escrever somados à profunda tranquilidade do planalto parecem suficientes para uma produção literária rica, qualitativa e quantitativa. Puro engano. E são os escritores que aqui moram que afirmam isso. Nada pior para eles do que a ausência dos conflitos humanos, da pressão, da neurose, da busca diária. E, talvez por não ter nada disso, Brasília seja uma cidade onde a literatura ainda não encontrou sua estruturação média; onde se pode distinguir nitidamente uma elite de nomes muito conhecidos no país, que se agrupam em torno da universidade, e uma camada heterogênea, "underground", de jovens inéditos e muito arrojados, que partem para a produção marginal e cerebral, desvinculada da vivência. Não há síntese. A análise é do poeta e letrista Valdimir Diniz. Mineiro, 28 anos, que iniciou seu trabalho literário no Suplemento editado pelo Governo de Minas e fez parte do grupo que criou Vereda, uma revista-fouler só de poemas que está em fase de recriação. Ele acabou em São Paulo, trabalhando no Jornal da Tarde em 1969, o que o trouxe definitivamente para o jornalismo. Um livro editado — "Poesia aos Sábados" — e outro em elaboração, além de mais de 40 letras de música, Valdimir define Brasília como uma cidade que não convida à criação. Ele próprio passou quatro anos produzindo coisas que não o agradavam, "porque a cidade não agride, não força a pensar, a refletir, a reagir. Em Brasília se escreve sobre a experiência interior, sobre o que ficou de outras épocas". (Ana Lagoa)

— Wander Piroli já tem pronto seu segundo livro para crianças. A maior novidade são os palavrões, pela primeira vez empregados em livros infantis, pelo menos no Brasil. (Henry Correa de Araújo)

— "Bagagem", primeiro livro de Adélia Prado, sai em fins de abril pela Imago.

— Libério Neves, Adão Ventura, Márcio Sampaio e Henry Correa de Araújo estão na antologia poética lançada pela Interlivros, numa edição de cinco mil exemplares. O segundo volume já está no prelo e trará poemas de Orlando Bianchini, Pascoal Motta, Moacir Latérza e Fernando Rios.

— O prêmio de poesia São Rocco, da Itália, foi atribuído ao baiano Telmo Padilha, por seu livro "Volo Assoluto", traduzido por Brunilde Rivarolla.

— A edição-envelope foi a forma encontrada pelos poetas do Movimento do Poema/Processo para divulgar seus trabalhos. Os volumes (tiragens 100 a 300 envelopes), com poemas de diversos autores, são vendidos a Cr\$ 5,00 em algumas livrarias do Rio e de São Paulo.

— O conto "Televisão", de João Antônio, publicado em Escrita 1, vai ser filmado por Perry Salles. É o que declarou o ator em entrevista ao semanário Aqui, de São Paulo.

— Henriqueta Lisboa está lançando "O Menino Poeta", volume que engloba

poesias para a infância e juventude. Com introdução de Alaíde Lisboa de Oliveira, o livro foi editado pela Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais. (HCA)

— Ars Media, jornal semanal da Fundação Palácio das Artes, dedicou um número especial à poesia mineira. Sob o título de "999.999 poetas", é uma retrospectiva de tudo o que Minas produziu em matéria de poesia a partir da década de 60. Organizador: Luiz Fernando Emediato. (HCA)

— De 8 a 11 deste mês foram realizadas em Bologna, Itália, a 13.ª Feira do Livro para a Juventude e a 10.ª Mostra para Ilustrações. Endereço para a correspondência: 40128 Bologna, Itália, Piazza Della Costituzione, 6.

— A revista Ficção mantém um concurso permanente de contos. Condições: originais datilografados em laudas de 30 linhas com 72 batidas, num máximo de 12 laudas; os contos devem ser assinados com pseudônimo, acompanhados de envelope, contendo no lado externo o nome do conto e o pseudônimo e, no de dentro, os dados pessoais do autor. Prêmio de Cr\$ 1.000,00, além da publicação.

— O protesto dos poetas mineiros contra sua exclusão do curso de literatura nova promovido por uma escola de inglês surtiu efeito: as Amigas da Cultura vão criar ainda este ano um prêmio nacional para poesia. Antônio Barreto, por sua vez, lidera um movimento para lançar Inversus, publicação aberta a todos os poetas mineiros, sem vinculação com grupinhos ou escolas literárias. (HCA)

— O Instituto Estadual do Livro, da Secretaria da Educação do Estado do Rio de Janeiro, lançará a coleção Inelivro, que reunirá obras relativas à vida e à cultura fluminense. Maiores informações com a Inelivro, rua Barão do Amazonas, 572, Grupo 301, Niterói — RJ.

— Até 30 de junho será possível concorrer ao Prêmio Érico Veríssimo de Romance, lançado pela Editora Globo em homenagem à memória do grande escritor, recentemente falecido. Os originais, em cinco vias, cada uma capeada por pasta de cartolina, com o pseudônimo e o título da obra (noutro envelope, lacrado, os dados pessoais), devem ser remetidos à Editora Globo, Prêmio Érico Veríssimo de Romance, av. Getúlio Vargas, 1271, 5.ª andar, 90.000 — Porto Alegre — RS.

— Em São Pedro dos Ferros (MG), foi criado o Centro Brasileiro de Documentação Literária — Cebral. Destina-se a coletar e arquivar tudo o que se relaciona com a produção literária em nosso país. Seu organizador, o poeta Pascoal Motta, solicita o envio de exemplares (2 de cada obra). Remessas para ele mesmo, rua Sambaetiba, 362, 30.000 — Belo Horizonte — MG. (HCA)

— A Folha de Londrina está aceitando colaborações para sua página de literatura. Domingos Pellegrini Jr. é o responsável. Os interessados devem enviar foto ou charge e ilustração do conto, poema ou o que seja.

— Primeiro prêmio a Escrita: menção especial da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

LIVROS

ROCEIROS POBRES

Caminhos dos Gerais, livro de contos de Bernardo Élis, ficcionista goiano que recentemente se tornou o mais novo membro da Academia Brasileira de Letras, tem qualidades indiscutíveis. A mais visível delas é o grande poder de envolvimento da narrativa do contista, que mantém o leitor interessado nos desdobramentos das histórias e nos dramas de seus personagens. Nesse sentido, a coletânea é uniforme, pois raros são os momentos em que o autor deixa de "atrair" e conservar nossa atenção. Trata-se, portanto, de um livro que agrada e mexe com o leitor.

Élis pretende, com sua literatura regional, apreender e revelar aspectos significativos da situação social e humana de tipos característicos do sertão goiano. Procura retratar e denunciar os problemas do homem rural brasileiro, aquele das cidadezinhas do interior, dos pequenos e pobres vilarejos, das roças improdutivas e dos grandes latifúndios. A maioria dos personagens de seus contos é composta, como ele mesmo diz em "O diabo louro" (um dos melhores do livro), pelos "pobres roceiros que não sabiam de nada, nem se eram brasileiros, nem se seu Bernardes mandava no mundo, ou se o Imperador, ainda". Os contos de Élis, dessa forma, estão filiados a um realismo marcante e agressivo e revolvem uma realidade em que a miséria e a resignação juntam-se como resultados de uma estrutura social desigual e contraditória, baseada na exploração do homem pelo homem, que acaba por retirar dos indivíduos muitas de suas qualidades "humanas", ou seja, por impedir o desenvolvimento dessas qualidades, da humanidade dos homens. Por isso, os personagens das histórias de Élis são seres reais, violentos, rudes e amargos, que encontram na aparente imobilidade e na rigidez dos quadros sociais em que estão inseridos (como diz o título de um dos contos: "Ontem como hoje como amanhã como depois") as bases de seu conformismo. Mas são também seres essencial e potencialmente humanos (que trabalham, sentem, amam, criam, etc.), que contêm em si os germes da mudança, da revolta e do inconformismo — germes esses que se manifestam principalmente na violência da vida cotidiana e nos movimentos sociais típicos do sertão (cangaço, messianismo, etc.).

Os contos de Bernardo Élis mostram o universo desses homens, que são regionais e, por isso e através disso, exprimem o universal da existência humana. Élis trabalha esse universo de uma forma característica, buscando incorporar à narrativa literária a linguagem típica da região, o linguajar castiço do interior rural. Realiza essa incorporação de duas maneiras: escrevendo os diálogos (a "linguagem do personagem") como eles são de fato falados (por exemplo: "bamo vê intãoce, baiano, quar que vale mais") e

empregando na própria narração (a "linguagem do narrador") expressões de uso regional ("cantou a noite inteirinha um catira doido cheio de morena e ai-ai-larai"). É visível que Élis busca fundir estas duas "linguagens", para homogeneizar os contos e melhor caracterizar os tipos humanos e realçar particularidades da existência regional. O resultado, se não é perfeito e se chega mesmo a prejudicar um pouco sua literatura (muitas vezes o narrador afasta-se em demasia do universo do personagem, perdendo-se e escondendo-o numa erudição incômoda, ou então enfatiza em excesso o grotesco do linguajar popular, caricaturizando a fala regional e, por extensão, o próprio personagem), não chega, porém, a retirar dos contos sua força de denúncia e suas preocupações realistas e participantes. Sem serem obras-primas, as histórias de Bernardo Élis revelam um ficcionista dotado da capacidade de, na expressão de Mário de Andrade, criar uma "realidade mais real do que o real". Nisto estão seus méritos principais.

"Caminhos dos Gerais" tem ainda uma outra qualidade: a de permitir que se reflita sobre as razões que levaram os escritores brasileiros a concentrar suas atenções e preferências na realidade social urbana, nos dilemas existenciais dos homens das grandes cidades, desprezando relativamente o mundo rural, o "imenso Brasil analfabeto do interior", como dizia Monteiro Lobato. Bernardo Élis, ao retratar o sertão goiano, mostra a importância de se atuar literariamente sobre o mundo rural brasileiro. Ou seja, permite que se reconheça a relevância deste "mundo rural" e do sertão para o desenvolvimento da própria produção literária brasileira atual. (Civilização Brasileira, 177 pgs.)

Marco Aurélio Nogueira

FATOS E DISCURSOS

O prestígio dos textos herméticos não é coisa nova. De caráter religioso, suas raízes mais profundas têm a mesma idade do homo sapiens. Todavia, como todos os cultos, este também oscila de intensidade no decorrer do tempo. Neste momento, por exemplo, estamos emergindo de um longo período em que ele atingiu o paroxismo. Nos últimos 20 anos, qualquer obra em verso ou em prosa inteligível à primeira leitura era a priori considerada de baixa qualidade pela crítica. Sem muito exagero, pode-se afirmar que se estabeleceu, em escala mundial, um acordo segundo o qual os autores procuravam esconder ao máximo o que tinham a dizer, a fim de que os críticos tivessem a mais ampla possibilidade de exercer os seus dons divinatórios. A consequência foi um bizantinismo tão acentuado que os próprios críticos começaram a se expressar em códigos fechados, acessíveis somente a alguns iniciados, se tanto. O leitor comum, essa entidade fluida e indefinível, abandonou as arquibancadas e foi curtir alguma mais interessante ou pelo menos não tão caçete. Isso tudo me ocorre a propósito do livro *O Olho Insano*, que reúne 12 contos da escritora Lucienne Samôr. Revelando muito talento e seriedade, o livro peca unicamente — opinião minha, que de forma nenhuma dispensa sua leitura — pela carga excessiva de subjetivismo,

nem sempre adequada ao tema e às situações (exceção feita a "Depoimento de Duneau"), resultando, com frequência, em injustificada obscuridade. O tom estritamente psicológico e enfermo que predomina na quase totalidade das estórias facilitou o fluxo verbal, mas acabou por comprometer a verossimilhança que dá existência estética a personagens e conflitos. Não estou com isto reclamando da autora uma postura do tipo realismo socialista. Quero apenas, como leitor chamar sua atenção para o que me pareceu um desequilíbrio na utilização de suas potencialidades. A melhor demonstração daquilo que estou tentando apontar, encontro-a, por oposição, no conto que abre o volume: "O Caos do Porto". Elaborado de um ponto de vista objetivo, com excelente emprego do diálogo e perfeita ambientação, é uma estória em que os personagens "existem", o conflito é sentido como real, ao mesmo tempo em que subsiste a problemática interior. Esta, no caso, apresenta-se inclusive mais rica e convincente na medida em que é transmitida através de fatos e não de discursos. A corrente da consciência, para ser apreendida, exige muitas vezes que nos coloquemos à margem. (Interlivros, 137 pgs.)

Hamilton Trevisan BARTHELME E A PLEBE

Algo do instigante nonsense de Donald Barthelme já havia sido detectado nas obras de escritores pátrios, mas agora podemos ir ao original, na correta tradução do contista mineiro Jaime Prado Gouvea. Barthelme é bom mesmo e nós, a plebe, comendo o nosso sanduquinho de mortadela, fruirmos juntamente com os happy few profissionais esta *Vida de Cidade*, que chega com sete anos de atraso. Entretanto, nenhuma novidade surgiu depois de Barthelme. Nestes 14 contos fica evidente essa procura de novidade e de efeito, mas nada mais justo pra quem possui uma imaginação tão incomum, convergente e abrangente.

O bom-tom e alguns dos preciosos macetes com os quais grande parte da literatura norte-americana depois de Hemingway sobreviveu foram incinerados pela geração de Barthelme, se bem que quase todos sigam os caminhos já clássicos de Borges e Cia. Suas verdades (provisórias como tudo na vida): a) a supremacia circunstancial do conto sobre o romance; b) o irrelevante encerra o drama humano; c) a desestrutura serve melhor à narrativa; d) mais vale uma metáfora do que uma bem inspirada intriga dramática. Um exemplo é o conto (pra mim o melhor) "No Museu Tolstói", em que o nonsense, o trágico, a comédia do poder e da glória alcançam afinações até agora virgens na literatura contemporânea. Barthelme propõe uma escrita moderna, cheia de ramificações, um vibrante/brilhante itinerário por setores nunca dantes percorridos pela literatura norte-americana. Vale a pena ler. (Artenova, 147 pgs.)

NO BOM CAMINHO Astolfo Araújo

Nei Leandro de Castro (*Feira Livre*, Rio, Editora Putz'zig, 1975, 71 p.) e Celso Japiassu (*A Região dos Mitos*, Rio, Folhetim, 1975, 73 p.) são poetas jovens que se mantêm, ao nível da linguagem e procedimento técnico, próximos da linha

dos mestres consagrados deste século. E dentro dessa linha vêm tentando impor suas personalidades marcadas por uma ideologia que, sem negar os valores artesanais do poema, rejeita a neutralidade em face da realidade dos fatos. Embora jovens e desconhecidos da maioria dos leitores, não são estreatantes. A bibliografia do primeiro inclui poesia e ensaio; o outro um livro de poesia, "O Texto e a Palha".

Em "Feira Livre" a poesia realiza-se mediante o aproveitamento integral do livro/objeto de arte. A começar pela cor do papel que se identifica com a da embalagem de feira, mercearia e supermercados; as fotos em sépia conseguem efeitos superiores às em branco-e-preto; antes de entrarmos nos poemas temos ainda a "Dedicação" e "Prefácio", que pelos textos já são poemas vivos. Destaquemos um: "A poesia/é o habitat/do dia-a-dia./ A feira é livre?/ Nihil obstat." ("Prefácio"). Duas epígrafes, uma de João Cabral de Melo Neto e outra de Manuel Bandeira, marcam a linha de fusão do racional que apreende a realidade como objeto concreto (J. Cabral) e do afetivo e sensível que humaniza a visão da realidade (M. Bandeira). Assim, as mercadorias das barracas são tratadas não só como objeto de mercancia, mas vêm tocadas pelo sentimento que as liga à pessoa do vendedor, consumidor, mendigo, enfim tudo que integra a pequena humanidade na agitação do dia-a-dia. Os poemas, isto é, os textos (expliquemos: as fotos são também poemas), são breves e rimados, quase sempre com notações humorísticas, lembrando as máximas populares que nos remetem, com absoluta coerência, ao ambiente de feira-livre. E aqui cumpre observar que os poemas filiam-se a "hai-kais" de Millor Fernandes a quem, aliás, Nei não deixou de prestar homenagem (v. página 68, o poema "Louro"). Mas nem tudo é humor, muito embora assim pareça à primeira vista (ou primei-

ra lida), como nestes versos: "Ao pássaro, o homem/(animal sem respeito)/não dá o direito/de escolha/entre o alpiste/e o não ser triste". ("Vendedor de Pássaros"). Ou nestes com que remata o livro: "No lixo molhado,/o mais novo mendigo/briga de faca/com o mais antigo./E o mais fraco/morrerá/ por um maracujá". ("Fim de Feira".)

Na obra de Celso Japiassu, "A Região dos Mitos", a influência mais marcante é de João Cabral de Melo Neto da fase de comprometimento social, como se nota nestes versos: "É antes como a doença./Como um trajeto de bala/sobre esta mesma ferida/lambendo unhas e dedos,/ água, sal sobre a ferida" (poema II de "Quatro Ângulos Agudos"), ou ainda nestes: "Muito pouco de paisagem/há neste boi de Pilar:/cancela, casa, ladeira,/ fumaça e cinza no chão". ("Um Boi e seu Ruminar"). Todavia, se há influência do poeta pernambucano, ela parece levá-lo a uma linha pouco explorada, ou cuja exploração interrompeu (na entrevista dada à "Folha de S. Paulo" de 13.1.76, o poeta de "A Educação pela Pedra" disse acreditar na impossibilidade de retomada da linha de "Morte e Vida Severina" por considerá-la uma linha meio fácil. E conclui: "Eu tenho atração pelo difícil"). Tudo indica que, partindo da lição de J. Cabral de 1950/60, Celso Japiassu retome, enriquecendo, a linha social abandonada. Não cabe aqui discutir se essa linha é "fácil" ou não. O que importa é a coerência que estrutura o discurso poético, como o que ocorre em muitos de seus poemas: "O que fizeste então de teu roteiro,/além da náusea, da indecisão/que cerca teu segredo?" (poema IV de "Alguns Sinais"); "Levanta a franja de vida/que restou — pedra e ferida:/ de que ângulo contemplas/esta aurora embrutecida/com tantos rostos partidos?" ("Um Minuto".)

Y. Fujyama

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Livros

Ignácio de Loyola Brandão: "Pega Ele, Silêncio", contos;
Pablo Neruda: "Ainda", poemas traduzidos por Olga Savary;
João de Jesus Paes Loureiro: "O Remo Mágico", poemas;
Luiz Edson Fachin: "Sinto, Logo Existo", poemas;
Caetano Ximenes Aragão: "O Pastoreiro da Nuvem e da Morte", poemas;
Alvaro Ottoni de Menezes: "Cantarolando", poemas;
José Alcides Pinto: "As Águas Novas", poemas;
João Carlos Teixeira Gomes: "Ciclo Imaginário", poemas;
Ernesto Saveiro: "Entre Mententes...", poemas;
Ricardo G. Ramos: "Estado de Coisas", poemas;
Ieda Schmalz: "O Peixenauta", poemas;
Eustáquio Teixeira Gomes: "Cavalo Imundado", poemas;
Tony Bel: "Pop Scriptum" e "Bulítrica", poemas;
Marcello Z. Mathias: "A Felicidade em Alberto Camus", ensaio;
Teresa Noronha: "Férias em Xangri-lá", novela juvenil;
Antônio Carlos Villaça: "Monsenhor", romance.

Jornais e Revistas

"Momento": revista cultural da Gazeta de Sergipe, elaborada por Orlando Dantas, Luiz Antônio Barreto, Acrísio Torres Araújo, n.º 1. Aracaju, SE;
"Intercâmbio": órgão do Movimento de Intercâmbio Cultural de Fortaleza, CE.

Marginais

"10 poemas" em edição envelope de Domingos Pellegrini Jr., praça Gabriel Martins, 39, Londrina, PR.

LIVROS DA VERTENTE POR REEMBOLSO

Dejeo receber por reembolso postal os seguintes livros da Vertente:

() A FESTA	Ivan Ângelo	50,00
() A VARINHA DO CAAPORA (3 vls.)	Antonieta D. de Moraes	30,00
() CAMISA-DE-FORÇA	Wladyr Nader	25,00
() SEM SAHIDA	Zélio	30,00
() SAPO CURURINHO DA BEIRA DO RIO	Magdalena Gastelois	8,00
() A ÁRVORE DOS DESEJOS	William Faulkner	25,00
() BRINQUEDO	Hamilton Trevisan	15,00
() ESPINHA DORSAL	Wladyr Nader	25,00
() TARDE DA NOITE	Luiz Vilela	30,00
() OS CANTOS DE MALDOROR	Lautréamont	35,00
() ISTO O JORNAL NÃO CONTA	Vários	25,00
() LIÇÕES DE PÂNICO	Wladyr Nader	25,00

Total de volumes:

Total em Cr\$:

Nome:

Endereço:

Cidade:

CEP:

Estado:

Pedidos a

Vertente Editora Ltda. - Rua Monte Alegre, 1434 - Fone: 62-3699 - 05014 - São Paulo (SP)

CARTAS

CABRAL, APESAR DO RÓTULO

Amigos: Escrita cada vez melhor. Vou providenciar a prorrogação de minha assinatura por mais seis meses... Meus amigos, o CABRAL SE DESCOBRIU. João Cabral, finalmente, acabou confessando o "crime"... Aliás, desde 1945, ele finge de poeta. O poeta pode ser um fingidor, mas a recíproca não é verdadeira. Há dias, num rompante de honestidade, Cabral veio a público dizer, alto e bom som, cara a cara, pela TV, que não escreve poesia: "O que escrevo é para ser visto, não para ser ouvido. Sou um criador de 'objetos literários'." Como se vê, apenas um artista plástico frustrado. E ainda acrescentou: "Não sou lírico, sou racional." De fato, um homem que se confessa frio e insensível não poderia mesmo pretender ser poeta, não obstante o rótulo de seus livros. Aguardamos outros depoimentos igualmente sinceros... (Mário Newton Filho — Niterói, RJ)

DIVULGADORA CONSTANTE

Foi uma surpresa agradável saber da existência de uma publicação que dá oportunidade aos novos. Aqui em Cachoeira sou divulgadora entusiasta da revista, como fui do Pasquim, nos seus áureos tempos. Suponho muitos com material engavetado. Aceitam contos com pseudônimo? (Maria Helena Borges de Lima — Cachoeira do Sul, RS). Aceitamos.

MARASMO E MEDO

Tenho acompanhado Escrita com o maior interesse. Acho que ela poderá ter importância no contexto literário e cultural brasileiro se conseguir manter um padrão vivo de discussões de idéias. O marasmo e o medo dominante são assustadores. Nesse sentido, merece todos os elogios o artigo de Mário Chamie sobre Antônio Cândido e Assis Brasil (Escrita 3). Está aí um exemplo de competência, honestidade intelectual e coragem crítica. Ninguém pode ignorar o valor de Antônio Cândido, mas não tem sido feliz nos seus pronunciamentos sobre vanguarda brasileira. Não se pode, também, ignorar o trabalho magnífico e desbravador de Mário Chamie que,

especialmente nesse caso, tem inteira razão. Parabéns à revista! (Orlando Nogueira Biondi, S. Paulo — SP)

ATRASSO NORMAL

A revista é mensal? Qual a data de sua saída? Ainda não vi escrito em nenhum número. Seria um esquecimento ou é proposital? (Aglaiá S. Fonseca — Brasília, DF)

Escrita sai sempre, em São Paulo e Rio, no começo do mês. A outros lugares chega com ligeiro atraso.

PROTESTO

Hamilton: o Ivan Lessa é um bom sujeito. É um jornalista versado em coisas e fatos da América do Norte, já trabalhou na BBC de Londres, domina um bom inglês, esgrime forte um pra lá de sutil humor, um escritor do contra entendido nas coisas da literatura. Se você, Hamilton, botasse uma pitadinha de irreverência em sua revista, salpicasse um humor de confusos objetivos políticos (é possível? Swift ou Shaw, só para lembrar a língua inglesa, não valem), cercasse suas observações de uns Wise Blood, de umas referências bibliográficas espiritualmente anglo-saxônicas que nativos cabeças-chatas não entendem, Escrita fizesse onda que garantisse umas sátiras à máquina da comunicação, aí, Hamilton, aí você ganharia um editor genioso que é capaz de tudo por uma boa piada. Capaz de trocadalhos interessantes, do tipo "onde há ignorância há esperança de trevas". Como se sabe, a História, mãe de todas as ciências, desmente essa tirada, coisa que até um inculto compositor negro não desconhece, pois fala que "se o dia morre, revive o samba" (mora na filosofia). Mas você, Hamilton, você é um cabeça-dura, uniu-se a outros cabeças-duras, coisas bestas de Cervantes, e achou de editar uma revista mensal de literatura, descompromissada com interesses patoteiros, afinal você devia vir de uma aprendizagem com Tchecov (cara ultrapassado), de que o intelectual, ou mais precisamente, um cirquinho de intelectuais, não é o centro do mundo. E pecou mais, rapaz, você encetou uma cômica luta contra a avassaladora maré do Pacífico, que traz boiando em suas águas Boeings e gangsters mafiosos misturados a bugiangas mil adornadas de produtos de legítima validade. É verdade que Machado advertia que não devemos defender uma literatura tão nacional, tão chauvinista, fechada às manifestações de outras personalidades, que a empobrecem. Mas você não esqueceu a lição do carioca, do mulato que sabia das coisas, e dizia na sua nota encimada por um extrato de "Incidente em Antares" que "despachos das agências internacionais afirmam ter sido descoberta, no sul dos Estados Unidos, uma escritora mais importante do que Faulkner. Trata-se de Flannery O'Connor, falecida em 1964 aos 39 anos, cujos romances sombrios e violentos ganharam fama na França e agora se impõem entre os norte-americanos. Tudo é possível, mas é bom conferir (desculpa a intromissão do negro). Podemos estar diante de mais uma campanha de preparação de mercado, dessas que normalmente antecedem o lançamento de superproduções cinematográficas ou de best sellers. Sem

esta mais aquela, começam a aparecer em jornais e revistas notícias sobre briguinhas no estúdio, durante a produção do filme, ou sobre o acidente com o cachorro do vizinho do escritor fulano. Quando o filme ou o livro chegam aqui, o público já está na fila do cinema ou na porta da livraria. É uma técnica tão eficiente que a ela tudo se incorpora. Inclusive esta nota". E a sua nota foi transformada no que se segue, Hamilton, no Pasquim 346, criação de Ivan Lessa: "Hamilton Trevisan comenta "foi descoberta no Sul dos EUA uma escritora mais importante que Faulkner". Tudo é possível, mas é bom conferir. Podemos estar diante de mais uma campanha de preparação do mercado, dessas que normalmente antecedem o lançamento de superproduções cinematográficas ou de "best sellers". Ele está se referindo a Flannery O'Connor, falecida em 1964, autora de "All That Rises Must Converge", "Wise Blood" e "The Violent Bear it Away". Isto aqui não é nem coluna nem jornal literário. Não perco meu tempo dizendo quem é a falecida. Deixo registrada apenas minha alegria em ver que, numa revista literária, ela é tratada como uma perigosa Hailey, Puzzo ou Benchley, vinda do além para embotar nossas mentes hospitaleiras. Onde há ignorância há esperança de trevas". Veja você, seu Hamilton, como se faz uma boa piada: a sua nota vinha inserida numa página que continha um breveloquente Érico, passava por Astolfo Araújo ("o silêncio programado, imposto às manifestações da literatura brasileira foi neste ano de 1975 parcialmente rompido"), pelo editor Wladyr Nader ("a cada mês que se passa mais se amplia o espaço reservado aos novos... não fossem Escrita e outras publicações da chamada imprensa nanica, continuariam no anonimato, talvez para sempre... são pessoas que vivem em permanente estado de sufocação e têm que enfrentar best sellers estrangeiros, a famigerada "conjuntura..."), por Antônio Torres ("será que estamos saindo do porão?"), até chegar na sua nota. Que faz Ivan? "Esquece" esse contexto, pra não falar do restante da revista, que trazia um Flávio Moreira da Costa ("A Boa Ficção Brasileira de 1975"), um muito bom conto-notícia de Sérgio Machado ("Ripa na Chulipa", um massacre de marginais por uma rp), "Una Bofetada", de Horacio Quiroga (um escritor do Uruguai), oito páginas de gente absolutamente inédita, corta a sua nota e a revista no que lhe convém (note o grifo que ele dá nos best sellers, veja como ele "esclarece" que a autora em referência é Flannery O'Connor, como se você a tivesse omitido, como ele pega o seu "é bom conferir", atitude crítica válida de um escritor nacional desconfiado de tantas profundidades internacionais, que não tem a obrigação de conhecer tudo sobre todos, mas só o essencial, mas a vida não deixa, como dizia Mário de Andrade, para lhe conferir e à Escrita um atestado de ignorância), para explodir num "onde há ignorância há esperança de trevas"!

Eu dizia no começo que o Ivan Lessa é um bom sujeito. Retifico: o que ele



é bem intencionado... Fala com o pessoal pra mudar a linha da Escrita, Hamilton, sapeca umas ironias profundas, bota umas chamadas de capa com deliciosas mulheres, Hamilton, baixa a dignidade do trabalho de vocês, esquece esse negócio de defesa do autor nacional que isso nunca deu camisa a ninguém, faz um carioqueiro entretenimento, proíbe um uisquezinho com certo faturamento de umas meninas que gostarão de aparecer em Escrita, uma revista mensal de literatura, porém não ignorante da picardia do bumbum das meninas, do "olha que coisa mais linda, mais cheia de graça", etc., que você recebe o aval dos infernos. Lá tá assim de humorista bem intencionado. (Urariano Mota de Santana — Recife, PE).

SURPRESO E OFENDIDO

Li com surpresa o comentário (Escrita n.º 5) de Caio Fernando Abreu à minha entrevista para Tânia Faillace (Escrita n.º 5). Ao contestar "entrelinhas" Caio atribui-me uma intenção que absolutamente não tive. Cometi, talvez, um erro comparando a antologia "Nove do Sul" (Ed. Difusão, Porto Alegre, 1962), com "Teia"; é que me esqueci do velho dito: sempre que se faz comparações um dos lados se ofende. Mas me senti tentado a fazer um paralelo entre os dois livros, e aqui confitmo minhas palavras: treze anos acarretaram mudanças em nossa literatura. Este fato, para mim, nada tem de surpreendente. O que me surpreende, isto sim, é que Caio tenha visto em minhas palavras qualquer intenção depreciativa. Me surpreende e me magoa. Caio conhece muito bem a consideração que tenho por seu trabalho e pelo trabalho dos contistas de "Teia", aos quais procurei levar, mais de uma vez, o meu (modesto) apoio.

Ferido talvez por "comentários irônicos e agressivos", Caio incluiu-me no grupo dos que agrediram "Teia" — o que eu não aceito. Considero os contistas de "Teia" companheiros — e não seres marginais. Diz Caio: "A sensação, finalmente, é de que estamos sendo julgados pelo comprimento de nossos cabelos". Não estou — repito, não estou — entre estes juízes. Ao contrário. Cabelos não tenho muitos, mas a minha barba não é das piores.

Não fiz uma crítica. Fiz uma constatação: de 1962 para 1975 ocorreram transformações em "nossa" literatura. Na minha também. Acho que hoje se recorre muito a um tipo de literatura, vamos dizer assim, indireta. Tudo bem: Jorge Luis Borges se dizia grato à censura argentina, porque esta estimulava sua imaginação. Portanto, simbolismo, alegoria, fantástico (termos que usei na entrevista) podem proporcionar grandes resultados literários. Nenhuma novidade: a literatura floresce em tempos de crise. A Rússia czarista deu um Tchekov, um Dostoievski, um Gogol, um Tolstoi.

Vamos agora a outro ponto: o das influências estrangeiras em nossa literatura. O próprio Caio admite a presença da cultura pop em alguns contos de "Teia" — e também, como ele diz acertadamente, num conto meu.

Mas aqui estamos de novo diante de um presumível juízo de valores que eu não faço. Não sou tão ingênuo a ponto de investir como um Quixote (ou como um Capitão Birobidjan) contra a dominação cultural — fenômeno que, sendo de supra-estrutura, tem raízes mais profundas e que portanto não vai se desfazer aos gritos irados dos intelectuais. A este respeito, minha atitude é diferente. é a de "relax and enjoy" (para

usar o idioma mais apropriado). Estamos sofrendo influência de outra cultura? Muito bem. Vamos então co-optar (expressão de Paulo Pontes) o que tem de melhor esta cultura. Eu, particularmente, sou fã do chamado grupo judeu de Nova Iorque: Malamud, Bellow, Mailer, Roth.

Constatando estes fatos procuro me comportar com isenção: em 1962 não havia cultura pop. Hoje existe. Ponto.

Agora, se me perguntarem o que eu prefiro... Bom. Caio menciona uma geração "que se alimentou de Elvis Presley e Beatles". Beatles? Um marco na música popular. Elvis Presley me parece um produto muito pouco alimentício. E este é o grande problema da dominação cultural: vem tudo de cambulhada. O que eu preferia? Eu preferiria uma cultura genuinamente brasileira que aglutinasse valores de outras procedências — como os da emigração, por exemplo, que me serviram particularmente de motivação. Sinto nos autores de "Teia" a lucidez que ilumina e separa estas coisas — da mesma maneira que eu faço. Me entristece a bronca do Caio. O momento não é para polêmicas entre escritores. O momento é, sim, de conjugação de esforços — particularmente agora, quando a literatura brasileira parece cobrar novo alento. Mas as dificuldades que temos de enfrentar não são pequenas. Não devemos acrescentar a elas nossas idiosincrasias pessoais. "Teia" é um exemplo de coragem, de esforço, de determinação — da mesma forma que "Nove do Sul" o foi, em 1962. Estamos, Caio, Sérgio, Valdir, Mariza; estamos, Jane, Clóvis, Lígia, no mesmo barco. Vamos remar que o mar não está para peixe. (Moacyr Scliar — Porto Alegre, RS)

LEIA E ASSINE MOVIMENTO

OS OBJETIVOS DE MOVIMENTO.

- * apresentar, analisar e comentar os principais acontecimentos políticos, econômicos e culturais da semana;
- * descrever a cena brasileira, as condições de vida da gente brasileira;
- * acompanhar a luta dos cidadãos brasileiros:
 - pelas liberdades democráticas;
 - pela melhoria da qualidade de vida da população;
 - contra a exploração do país por interesses estrangeiros;
 - pela divulgação dos reais valores artísticos e culturais do povo;
 - pela defesa de nossos recursos naturais e por sua exploração planejada em benefício da coletividade.



